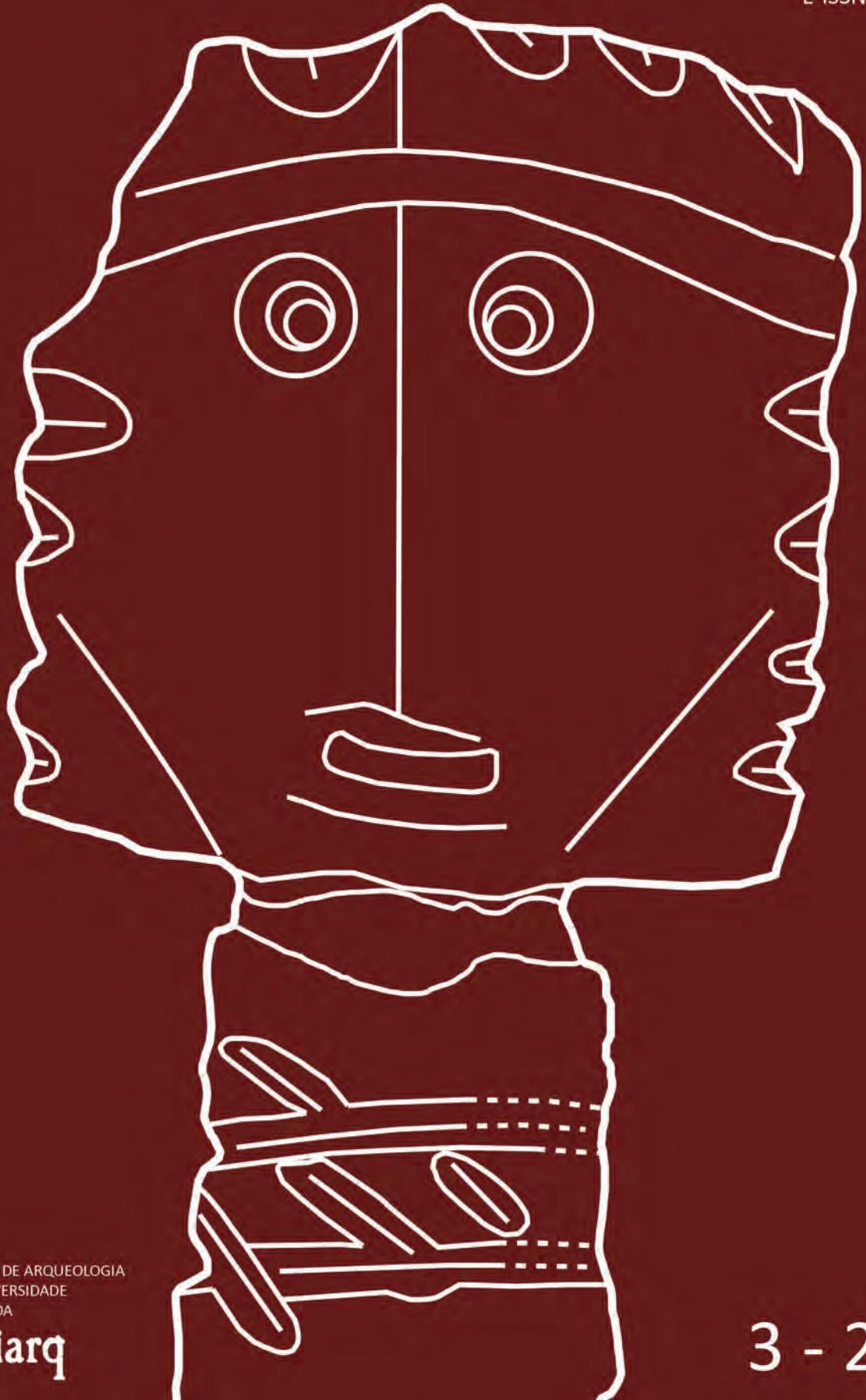


OPHIUSSA

REVISTA DO CENTRO DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA

ISSN 1645-653X
E-ISSN 2184-173X



OPHIUSSA

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



LETRAS
LISBOA

FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq

OPHIUSSA. Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa

ISSN 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Publicação anual

Volume 3 – 2019

Direcção e Coordenação Editorial:

Ana Catarina Sousa

Elisa Sousa

Conselho Científico:

André Teixeira (Universidade Nova de Lisboa)

Carlos Fabião (Universidade de Lisboa)

Catarina Viegas (Universidade de Lisboa)

Gloria Mora (Universidad Autónoma de Madrid)

Grégor Marchand (Centre National de la Recherche Scientifique)

João Pedro Bernardes (Universidade do Algarve)

José Remesal (Universidade de Barcelona)

Leonor Rocha (Universidade de Évora)

Manuela Martins (Universidade do Minho)

Maria Barroso Gonçalves (Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa)

Mariana Diniz (Universidade de Lisboa)

Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)

Xavier Terradas Battle (Consejo Superior de Investigaciones Científicas)

Secretariado: André Pereira

Capa: André Pereira sobre amuleto de osso de Mirobriga (desenho de Filipe Sousa).

Revisor de estilo: Francisco B. Gomes

Paginação: Elisa Sousa

Impressão: Europress

Data de impressão: Dezembro de 2019

Edição impressa (preto e branco): 300 exemplares

Edição digital (a cores): www.ophiussa.letras.ulisboa.pt

ISSN: 1645-653X / E-ISSN 2184-173X

Depósito legal: 190404/03

Copyright © 2019, os autores

Edição: UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras de Lisboa, 1600-214 – Lisboa.

www.uniarq.net - www.ophiussa.letras.ulisboa.pt - uniarq@letras.ulisboa.pt

Revista fundada por Victor S. Gonçalves (1996).

O cumprimento do acordo ortográfico de 1990 foi opção de cada autor.

Esta publicação é financiada por fundos nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projecto UID/ARQ/00698/2013.

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - <i>O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação</i>	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - <i>El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté</i>	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - <i>Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos</i>	45
GIL VILARINHO - <i>A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular</i>	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - <i>Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações</i>	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - <i>Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V</i>	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - <i>Dois amuletos em osso de Mirobriga - evidências do culto de Magna Mater?</i>	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - <i>400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal</i> ..	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - <i>Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12</i>	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas).....	185
<i>IN MEMORIAM</i> - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979 - 2019) (texto de Amílcar Guerra).....	211

OPHIUSSA

VOLUME 3, 2019, PÁGINAS 45-79. SUBMETIDO A 30.04.2019. ACEITE A 15.08.2019.

REVISITANDO O ESPÓLIO DAS ESCAVAÇÕES DE A. I. MARQUES DA COSTA EM CHIBANES: OS DADOS PROTO-HISTÓRICOS E ROMANO-REPUBLICANOS

CHIBANES: PROTO-HISTORIC AND ROMAN-REPUBLICAN DATA FROM THE COLLECTION OF A. I. MARQUES DA COSTA ON REVIEW

JOÃO PIMENTA¹
CARLOS TAVARES DA SILVA²
JOAQUINA SOARES²
TERESA RITA PEREIRA²

RESUMO

O interesse do material anfórico e metálico proveniente dos primeiros trabalhos de campo realizados em Chibanes e publicados em *O Arqueólogo Português*, por António Inácio Marques da Costa, na primeira década do século XX, suscitou a revisão da totalidade da coleção, depositada no Museu Nacional de Arqueologia.

Procede-se à análise da história da investigação dessa particular coleção, quando está em preparação um volume dedicado aos últimos vinte anos do projeto de investigação levado a efeito em Chibanes pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS)/AMRS.

Alia-se ao compromisso de fazer perdurar a memória do pioneirismo arqueológico regional, o conhecimento de alguns artefactos de inegável qualidade e pertinência tipológica e funcional.

Palavras-chave: material anfórico, artefactos metálicos, cerâmica de verniz negro itálico, cerâmica de paredes finas, cerâmica tipo Kuass.

ABSTRACT

The major interest on amphorae and metallic materials from the ancient fieldwork carried out in Chibanes and published in *O Arqueólogo Português* by António Inácio Marques da Costa in the first decade of the 20th century led to the revision of the entire collection deposited in the National Museum of Archaeology.

The history of the investigation on this particular collection is analyzed in the course of the preparation of a volume dedicated to the last twenty years of the research project developed on Chibanes by the Museum of Archaeology and Ethnography of the Setubal District (MAEDS) / AMRS. There is a commitment to keep the memory of the pioneer archaeologist, A. I. Marques da Costa, in our region and the aim to get some artifacts with undeniable quality and typological relevance acquainted.

Keywords: amphorae, metallic materials, black gloss tableware, thin walled pottery, Kuass ware.

1 - Centro de Estudos Arqueológicos de Vila Franca de Xira (CEAX) e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). joao.marques@cm-vfxira.pt

2 - Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal (MAEDS/AMRS) e Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). ctavaressilva@gmail.com; joaquinasoares1@gmail.com; teresa.rita.pereira@gmail.com

1. ENQUADRAMENTO DO SÍTIO DE CHIBANES

O sítio arqueológico de Chibanes, situado na crista da Serra do Louro (Palmela), ocupa uma área com dimensões significativas, com cerca de 200 m de extensão, gozando de excelentes condições de defesa e de uma ampla e invulgar visibilidade, quer para a bacia do rio Tejo, quer para o fértil vale dos Barris e bacia do rio Sado (fig. 1).

A sua descoberta deve-se a A. I. Marques da Costa, tendo ocorrido no ano de 1904, durante umas prospeções que fez nos arredores da Serra do Louro, tendo aí descoberto alguns materiais de superfície (Costa 1906). Marques da Costa conduziu no alto de Chibanes extensas prospeções e algumas sondagens entre 1905 e 1910, das quais dá circunstanciada notícia nas páginas de *O Arqueólogo Português* (Costa 1908-1910).

A diversidade e riqueza do espólio recolhido, que se encontra depositado no Museu Nacional de Arqueologia, patentearam-se em publicações de bastante rigor, com ampla documentação gráfica e descrição pormenorizada, que ainda hoje são de extrema utilidade, apesar de infelizmente carecerem de contextualização estratigráfica.

Apesar da sua importância, esse espólio apenas despertou maior interesse a partir dos anos setenta do século passado. Nessa época, alguns dos materiais arqueológicos foram objeto de atenção, nomeadamente a cerâmica de verniz negro - campaniense (Delgado 1971) e as ânforas ditas "neopúnicas" (Maia 1977: 200-203, Ests. I, II e III, 1-5), inserindo-se o seu estudo em contextos de análise de materiais idênticos no território nacional.

No início dos anos oitenta, o estudo da necrópole do Galeado (Vila Nova de Milfontes) levou Caetano de Mello Beirão e Mário Varela Gomes a observarem o material de Chibanes, tendo identificado e publicado uma tampa de urna de orelhetas perfuradas (Beirão - Gomes 1983: fig. 14, n.º 7). No final da década de noventa do século XX, Júlio Roque Carreira publica um vasto conjunto de materiais arqueológicos do III milénio a.C., atestando a relevância da sua ocupação calcolítica (Carreira 1998).

Marques da Costa reconheceu a existência de distintas ocupações no sítio com base na tipologia dos materiais: uma ocupação pré-histórica da Idade do Cobre e um ulterior povoado da Idade do Ferro.

Em 1996 foram publicadas (Fernandes - Carvalho 1996: 131, fig. 5, n.º 1 a 4) uma pequena fíbula de liga de cobre do tipo Schüle 4h e fragmento



Fig. 1 - Localização de Chibanes no mapa da Península Ibérica e na carta com os principais sítios romano-republicanos do vale do Tejo e península de Setúbal.

de bocal de ânfora vinária itálica do tipo Dressel 1, recolhidos em prospeção dos inícios dos anos 90 do século XX.

Foi necessário esperar pelos trabalhos arqueológicos de campo da segunda metade da década de 1990 (Tavares da Silva - Soares 1997), com metodologias científicas, para se obterem as primeiras sequências estratigráficas do sítio e a clara definição de três fortificações sobrepostas, pertencentes a uma ocupação pré-histórica abrangendo todo o III milénio, a uma curta ocupação da Idade do Ferro cuja fundação parece remontar ao século III a.C. e uma bem representada ocupação do período romano-republicano. Raros fragmentos de *terra sigillata* e um numisma de Cláudio atestam uma esporádica revisitação do sítio durante o Alto-Império (Tavares da Silva - Soares 1997: 37).

Em 2004, Amílcar Guerra publica uma interessante tese (Guerra 2004), que parte da referência do geógrafo Ptolomeu a uma *Caepiana*, e que desde os trabalhos de Schulten (1918: 78) se tinha vindo a relacionar com eventual presença militar associada a um dos Cipiões, e localizada genericamente na Península de Setúbal. Com base em análise da derivação fonética, construída

com os mesmos mecanismos filológicos que conduziram à identificação da cidade gaditana de Chipiona com *Turrís Caepionis* mencionada por Estrabão e Pompónio Mela, propõe que a *Caepiana* ptolemaica poderia ser identificada com o sítio de Chibanes. Tendo por base a tipologia dos materiais arqueológicos recolhidos por Marques da Costa, e depositados pela sua viúva no Museu Nacional de Arqueologia, em particular a cerâmica campaniense, e levando em consideração as primeiras informações publicadas sobre a fortificação romano-republicana por dois dos signatários (Tavares da Silva - Soares 1997), propõe que (Castra) *Caepiana* teria resultado de fundação militar por Quinto Servílio Cepião. Como se sabe pela documentação literária, Quinto Servílio Cepião, a partir de 109 e talvez até 107 a.C. foi pretor e procônsul na Hispânia Ulterior. Desta personagem, na realidade pouco se sabe, sendo porém de sublinhar que venceu os Lusitanos e que a sua pretura se ilustrou com a celebração do triunfo em Roma (Guerra 2004: 222).

2. O PROJETO DO MAEDS EM CHIBANES

Em 1996, como referimos anteriormente, retomaram-se as escavações arqueológicas no Castro de Chibanes promovidas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), através do seu Centro de Estudos Arqueológicos, no âmbito dos projetos *Ara – Povoamento e Arqueologia da Paisagem Durante a Pré-história Recente e a Proto-história no Sector Oriental da Arrábida (1996-2003)* e *CIB – Chibanes no Contexto da Arqueologia da Península de Setúbal (2012-2017)*, coordenados por dois dos signatários do presente artigo (J. S. e C.T.S.). Estes novos trabalhos permitiram identificar nos diversos sectores do povoado três grandes fases no processo de ocupação do sítio (Tavares da Silva - Soares 1997, 2012).

A Fase I, do Calcolítico e Bronze antigo (Tavares da Silva - Soares 2012, 2014, Coelho 2014, Tereso 2014, Pereira - Soares - Tavares da Silva 2017, Clemente Conte - Mazzuco - Soares 2014), que se subdivide nas Subfases IA, IB, IC e ID, integra-se, de um ponto de vista da cultura material e particularmente no que se refere à cerâmica, no Calcolítico da Estremadura. As similitudes registadas com os hipogeus da Quinta do Anjo, no que respeita à cultura material e diacronia permitiram atribuir esta necrópole ao povoado pré-histórico de Chibanes (Soares 2003).

Em Chibanes, estão bem representados os horizontes estilísticos da cerâmica canelada (Subfase

IA – 2900-2500 cal BC), da cerâmica de folha de acácia (Subfase IB – meados/terceiro quartel do 3º milénio cal BC) e da cerâmica campaniforme (Subfase IC – grupo estilístico de Palmela, ver Soares - Tavares da Silva 1984, Tavares da Silva 2017) com decoração exclusivamente pontilhada / linear - pontilhada, cronologicamente centrada em torno de 2250 BC – e Subfase ID, do grupo estilístico de Palmela evolucionado, com decoração linear-pontilhada associada a incisa, e datada do último quartel do 3º milénio cal BC.

No início da Subfase IA é construída uma muralha (M. VIII), guarnecida por bastiões semicirculares e reforçada por contraforte de planta trapezoidal, fortificação que se desenvolve em arco com cerca de 200 metros de extensão, defendendo a encosta virada a norte. Na extremidade ocidental do povoado, a muralha inflete para sul e divide-se em três linhas (Ms. IV, V e IX) que defendiam o acesso pela crista da Serra do Louro. Esta fortificação sofre os primeiros derrubes, por vezes acompanhados de incêndio, no final da Subfase IA.

A Subfase IB assiste à afirmação da metalurgia do cobre, a qual se irá desenvolver na Subfase IC.

A Subfase ID representa o final da ocupação pré-histórica de Chibanes e tem expressão em lenticulas ricas em conchas de *Ruditapes decussatus*, existentes no seio dos definitivos derrubes das muralhas IV e V.

Durante a segunda fase de ocupação, da II Idade do Ferro e com cronologia centrada no século III a.C., foi construída uma muralha guarnecida por torres semicirculares, cujo traçado é aproximadamente coincidente com a do Calcolítico. Ao longo desta fortificação foram construídos compartimentos de planta retangular, contíguos, com muros formados, na base, por blocos de calcarenito ligados por argila e, na parte superior, provavelmente por adobes ou taipa; a cobertura seria de natureza vegetal talvez associada a argila; os pisos, de argila batida, integravam lajes de calcarenito dispersas, e sobre eles foram instaladaslareiras de planta subcircular, cujo tipo mais comum era constituído por fragmentos de grandes recipientes cerâmicos, colocados horizontalmente, e cobertos por capas de argila (Tavares da Silva - Soares 1997).

Na cultura material móvel, representada sobretudo por artefactos cerâmicos, destaca-se a cerâmica cinzenta polida, cerâmica estampilhada (rara) e ânforas, em geral de produção local/regional.

A terceira fase de ocupação do Castro de Chibanes corresponde ao período romano-

republicano e foi datada a partir do estudo da cultura material (principalmente cerâmica de verniz negro itálico, ânforas e metais) do intervalo de tempo compreendido entre finais do século II e meados do século I a.C. São flagrantes as similitudes no que concerne à cultura material com o sítio próximo do Pedrão, na Serra de S. Luís (Soares - Tavares da Silva 1973, Tavares da Silva - Soares 1986).

Com base nas sequências estratigráficas identificadas e nas relações estabelecidas entre as estruturas arquitetónicas postas a descoberto, verificou-se que a Fase III é divisível nas Subfases IIIA e IIIB.

Durante a Subfase IIIA, a muralha sidérica que defendia a encosta norte, foi substituída por um simples muro, com cerca de 0,7 metros de largura, destinado a delimitar a área do povoado. No sector ocidental do castro, o mais intensamente escavado, foram adossados a esse muro (M.II) grandes compartimentos (Edifícios A, B e C), contíguos e independentes entre si, de planta retangular, não, ou pouco, segmentados; os muros, pisos, lareiras (uma ou várias por compartimento) e cobertura obedeciam à tipologia própria da ocupação da Idade do Ferro (Soares - Tavares da Silva 2014).

Adossada à extremidade poente do povoado, ou seja, à área abrangida pelos referidos edifícios, é construído, na mesma subfase, um recinto de planta trapezoidal, delimitado por muralhas retilíneas e guarnecido por duas torres retangulares que defendiam a entrada ocidental da fortificação, pela crista da Serra do Louro.

Na Subfase IIIB, regista-se uma segmentação do espaço edificado em compartimentos de menores dimensões; possuem uma ou mais lareiras que (tal como os novos muros, pisos e coberturas) são semelhantes às da primeira subfase.

De notar que os níveis de lixeira correspondentes aos compartimentos desta segunda subfase da ocupação romano-republicana são muito ricos em subprodutos de atividades domésticas; o estudo arqueofaunístico revelou, para a Subfase IIIB, maior estabilidade relativamente à subfase precedente, verificando-se maior incidência de gado bovino (Detry - Tavares da Silva - Soares 2017).

A cultura material da ocupação do período romano-republicano de Chibanes, além de integrar abundante cerâmica comum e ânforas de produção local/regional e, em boa parte, de tradição sidérica, comporta artefactos de importação, quer de proveniência itálica (paredes finas, cerâmica de verniz negro, ânforas Dressel 1) quer originários da

Ulterior meridional, designadamente da área da baía de Cádiz, principalmente ânforas Maña C2b (= T.-7.4.3.2/7.4.3.3., da classificação de Ramon, 1995) e do vale do Guadalquivir (ânforas ovóides da Forma 1); durante esse período, chegavam, pois, a Chibanes, produtos alimentares exógenos como vinho, azeite e preparados de peixe, além de louças de mesa.

3. A COLEÇÃO A. I. MARQUES DA COSTA

António Inácio Marques da Costa (1857-1933), militar de carreira, tendo chegado ao posto de tenente-coronel de infantaria, desenvolveu em inícios do século passado uma obra notável no campo da Arqueologia da península de Setúbal, abarcando diversas estações pré-históricas e romanas, das quais dá circunstanciada notícia nas páginas de *O Arqueólogo Português*.

“A qualidade das publicações que tais explorações deram origem evidencia o espírito rigoroso, analítico e bem informado – confirmado pela bibliografia citada – do seu autor, situando-o como um dos melhores arqueólogos da sua época [...]” (Cardoso 2014: 11).

A ampla coleção arqueológica por si reunida ao longo de muitos anos de trabalhos e explorações em diversos sítios foi doada ao Museu Nacional de Arqueologia, onde deu entrada em 1936, três anos depois do seu falecimento (Machado 1965: 68).

Importa reter esta informação, em trabalho de revisitação de escavações antigas. Considerando que as escavações em Chibanes de A. I. Marques da Costa decorreram entre 1905-1910 e o espólio permaneceu na sua posse por mais de vinte anos e só após a sua morte é que foi transportado para Belém, não nos podemos surpreender se algumas das peças ilustradas no artigo sobre “as Idades do bronze e do Ferro no castro de Chibanes” não tenham chegado até nós (Costa 1910).

Dos resultados das escavações, é sublinhado por A. I. Marques da Costa o aparecimento de uma estrutura defensiva: “descobri as ruínas da antiga muralha, que defendia o dito castro pelo lado setentrional e que estava completamente enterrada sob aquelle comoro” (Costa 1910: 55). Assim como é afirmada a ausência de estratigrafia: “[...] nestas excavações encontrei, sem disposição alguma estractigraphica ou ordem chronologica, grande numero de objectos [...]” (Costa 1910: 55).

3.1. ÂNFORAS

A. I. Marques da Costa publicou um significativo conjunto de ânforas romanas provenientes de Chibanes (Costa 1910). Contudo, os materiais aí publicados tiveram por base restauros pouco exatos ou mesmo forçados. Como acima se referiu, em 1978, Manuel Maia procedeu à revisão deste material anfórico.

Dos quatro exemplares da forma Mañá C2b, de perfil completo, publicados em 1910, M. Maia apenas localizou três, dos quais somente um conservava a totalidade do perfil. A esses três exemplares acrescenta cinco bicos fundeiros e cinco bocais, perfazendo um número mínimo de seis ânforas, por ele consideradas de fabrico cartaginês.

No que concerne às duas outras ânforas publicadas por A. I. Marques da Costa (1910), M. Maia considera uma delas como pertencente à forma Dressel 1 e a outra de tipologia pré-romana, que não foi objeto de observação direta, por motivo de desaparecimento. Trata-se de uma ânfora a que se atribui uma morfologia genérica ibero-púnica, visto possuímos apenas a fotografia publicada por Marques da Costa. Não deixa de ser pertinente reler o que Marques da Costa diz sobre esta ânfora: “Nos restos de um d’estes vasos (fig. 481^a) vê-se que depois de cozido sofreu uma cortadura muito regular no collo, para lhe separar o pavilhão. Julgo que esta cortadura se fez circularmente em volta do collo para obter uma nova boca [...]” (Costa 1910: 65-66). Tendo presente esta descrição, poderíamos ter não um modelo distinto de ânfora, mas sim mais um

exemplar de ânfora Mañá C2b a que foi subtraído o bocal para o recipiente ser reaproveitado com outra funcionalidade.

Mais recentemente, Dias Diogo e Laura Trindade revisitam o conjunto de ânforas, republicando uma das ânforas Mañá C2 já publicada por Manuel Maia, mas na qual identificam um grafito que interpretam como pré-romano (Trindade - Diogo 1998: 173, n.º 1), e apresentam um fragmento de parede da mesma forma com uma inscrição efetuada, segundo estes investigadores, antes da cozedura e em que na esteira de Marques da Costa tendem a ler caracteres gregos (Trindade - Diogo 1998: 173, n.º 2). Um dado novo neste trabalho é a apresentação de um conjunto de ânforas de produção lusitana de época Alto e Baixo Imperial, que poderia eventualmente atestar uma ocupação mais lata do sítio. Contudo, tendo presente a descontextualização destes materiais, a sua não representação em ilustrações contidas nos trabalhos de Marques da Costa, e a discordância com a informação até agora disponibilizada pelas escavações arqueológicas da responsabilidade de dois dos signatários (J. S. e C. T. S.) somos levados a excluí-los da análise do conjunto das ânforas de Chibanes.

Em 2004, Amílcar Guerra, no trabalho a que já nos referimos, analisa materiais depositados no MNA, e aí encontra um bocal de Dressel 1 itálica a que nenhum dos dois artigos já antes dedicados ao conjunto de ânforas se refere (Guerra 2004: 231, fig. 7, n.º 2).

Face a controversa informação, e tendo presente a pouco provável proveniência

Procedência	Tipo	Bordo	Asa	Colo	Fundo	Nº Frag.	NMI
Península Itálica	Dressel 1	1	-	1	-	2	1
	Total	1	-	1	-	1	1
Ulterior/Bética Costa Sudoeste	T-7.4.3.3.	6	6	4	7	23	7
	Pellicer B/C	1	-	-	-	1	1
	Total	7	6	4	7	24	8
Ulterior / Lusitânia	Tipologia Pré-romana	-	1	-	-	1	1
	Total	-	1	-	-	1	1
Total		8	7	5	7	26	10

Quadro 1 - Conjunto anfórico da colecção A. I. Marques da Costa, do Museu Nacional de Arqueologia.

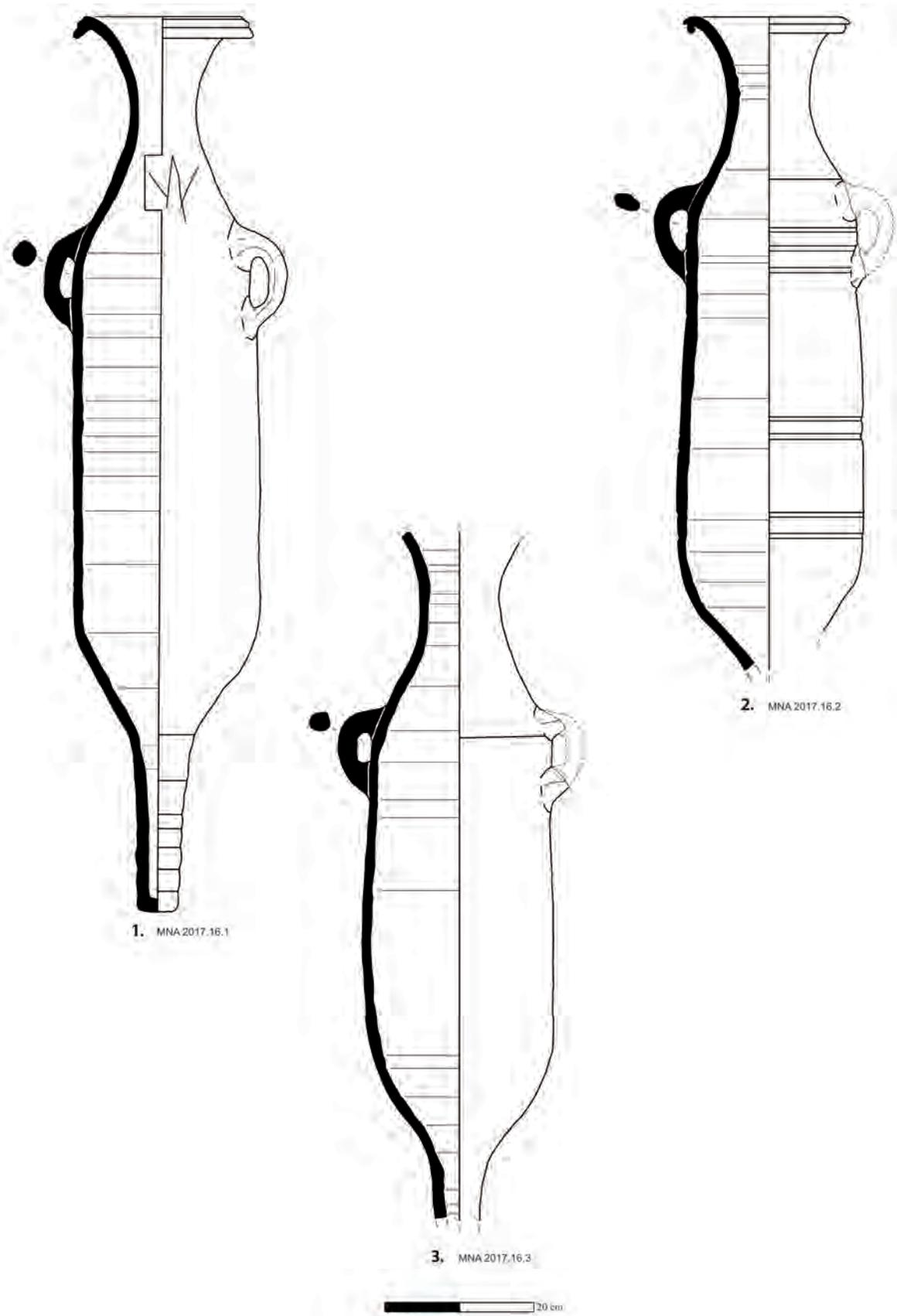


Fig. 2 - Ânforas de perfil completo do tipo Mañá C2b.

cartaginesa das ânforas Mañá C2 publicadas por Manuel Maia, achou-se pertinente, no âmbito do projeto de elaboração da monografia dedicada às recentes escavações em Chibanes, rever os materiais anfóricos depositados no MNA, associando-os a um novo registo gráfico e a uma análise e descrição macroscópicas das respetivas pastas.

Da revisão dos materiais depositados no Museu Nacional de Arqueologia (Quadro 1, figs. 2-5), foi possível analisar em conjunto as peças mais completas como os restantes elementos fragmentados, bocais, asas e fundos, e assim efetuar colagens de elementos que tinham vindo a ser publicados como partes distintas do mesmo conjunto. Um dos elementos mais relevantes foi a reconstituição do exemplar MNA 2017.16.1, que apresenta um grafito completo, inicialmente apresentado por Marques da Costa e posteriormente publicado apenas de forma parcial (Trindade - Diogo 1998: 173, n.º 2).

O conjunto mais numeroso corresponde ao modelo de ânfora do tipo Mañá C2b, que foi englobado nos Tipos T-7.4.3.2 e T-7.4.3.3 da tipologia de Ramon Torres (1995). Identificaram-se um exemplar completo, dois quase completos, quatro bocais, um colo com um grafito e quatro fundos, que após colagens exaustivas, permitiram determinar um número mínimo de sete indivíduos (figs. 2-4).

Estas ânforas caracterizam-se morfologicamente por possuir um bocal amplo e exvertido, com molduras mais ou menos complexas que adquirem inúmeras variantes. Esta singular morfologia é aliás pertinentemente descrita por Marques da Costa: “a boca e parte do colo em forma de pavilhão de corneta” (Costa 1910: 65). O corpo é cilíndrico, com um diâmetro máximo de cerca de 30 cm e altura, em média, de 95-110 cm. O colo é estreito e côncavo, abrindo-se na sua parte superior. As asas situam-se na transição do colo para o corpo e apresentam um perfil anelar e secção circular ou subcircular. Os fundos são ocos, embora possam igualmente ser maciços, de perfil cilíndrico, e muito pronunciados (Sáez Romero 2008).

As ânforas T-7.4.3.2/7.4.3.3 (Ramon Torres 1995), durante muito tempo consideradas unicamente como produção africana “neo-púnica”, têm, no ocidente hispânico, concretamente na área da baía de Cádiz (Cádiz, Puerto Real, Puerto de Santa Maria e *Campiña*), um dos maiores focos produtores conhecidos, tal como nos tem vindo a demonstrar a investigação desenvolvida nas duas últimas décadas (Perdigones Moreno - Muñoz Vicente 1988, Lagóstena Barrios 1996a, 1996b, García Vargas 1998,

Montero Fernández *et al.* 2004: 418, 420-421, Bernal Casasola - Lagóstena Barrios 2004: 86-88, figs. 71-73, Sáez Romero *et al.* 2016).

A análise macroscópica das pastas dos referidos exemplares permitiu individualizar dois grupos de fabrico distintos:

Grupo 1 – Caracteriza-se por uma pasta compacta, arenosa e bem depurada. A cor é amarelo-rosado (Mun. 5YR 7/6). Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, constituídos essencialmente por pequenos grãos de calcite, pequenos quartzos dispersos, alguns dos quais rolados, grãos carbonatados, elementos de cerâmica cozida, bem calibrada, e vacúolos alongados. As superfícies apresentam-se alisadas, evidenciando uma tonalidade que varia entre o amarelado avermelhado (Mun. 10YR 8/3) e o amarelo-claro (Mun. 10YR 8/4).

Grupo 2 - Caracteriza-se por uma pasta arenosa dura e bem depurada. A cor varia entre o bege (Mun. 2,5YR 8/4), bege-rosado (Mun. 7,5YR 8/4) e o bege-esverdeado (Mun. 5Y 8/1). Os elementos não plásticos são pouco abundantes, de pequena e média dimensão, bem distribuídos, e constituídos essencialmente por quartzos rolados, grãos ferruginosos, elementos de argila cozida e grãos carbonatados dispersos. As superfícies apresentam a tonalidade da pasta, e foram alisadas.

Podemos identificar o nosso Grupo 1 com o Grupo UA 16 de Mateo Corredor e o nosso Grupo 2 com o UA 17 do mesmo investigador, ambos com proveniência da baía gaditana (Mateo Corredor 2014).

No que diz respeito à sua cronologia, esta é normalmente compreendida entre o último terço do século II a.C. e a mudança da Era (García Vargas 1998: 67-68, Arruda - Almeida 1998: 206, Montero Fernández *et al.* 2004: 418- 421, Sáez Romero *et al.* 2016). Contudo, recentes dados contextuais permitem supor o início da sua importação para o Ocidente ainda no terceiro quartel do século II a.C. (Pimenta 2005, 2007, Sáez Romero 2008).

A análise dos exemplares melhores preservados de Chibanes, nomeadamente as peças representadas na nossa figura 2, mas também os bocais desenhados na figura 3, permitem-nos classificá-los como do T-7.4.3.3. correspondendo assim ao modelo mais recente de produção gaditana com cronologia centrada entre 100/90 a.C. e 40/30 a.C. (Sáez Romero 2008: 567).

A associação de fragmentos de recipientes desta forma a fábricas de salga, em Kuass, no Cerro

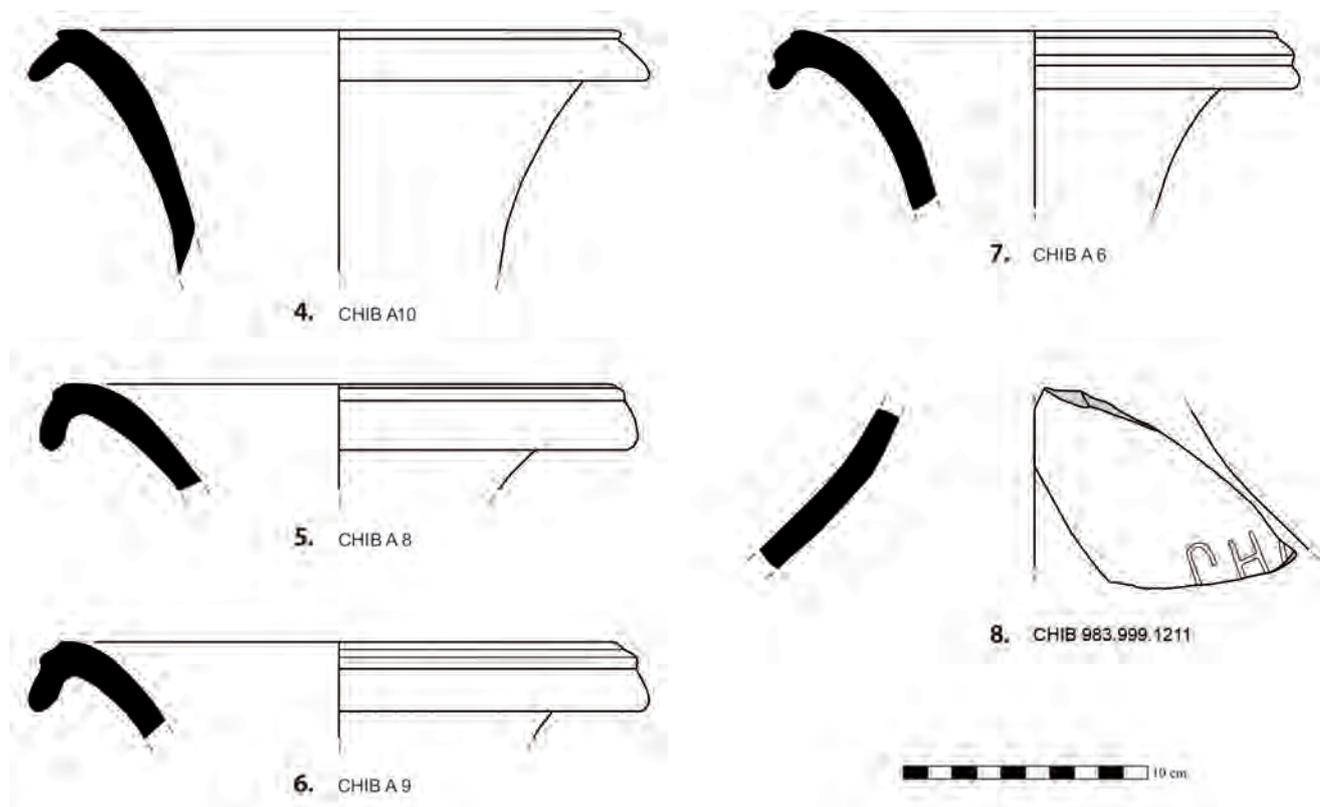


Fig. 3 - Fragmentos de ânforas do tipo Mañá C2b.

del Mar, na cidade de *Baelo Claudia*, e em diversas intervenções na cidade de Cádiz (Lagóstena Barrios 2001) parece consolidar a proposta de um conteúdo relacionado com o transporte de preparados de peixe, para as produções da área do estreito de Gibraltar. Conteúdo esse que seria, entre outros, o *halex*, atestado nos *tituli picti* dos exemplares da Fossa Aggeris e do Castro Pretório, em Roma (C.I.L. 4762 e C.I.L., XV, 4730). A recente escavação de um contexto bem datado de finais do século II a.C., na área fabril da cidade de *Baelo Claudia*, permitiu detetar restos dos seus conteúdos *in situ* (Bernal *et al.* 2007), atestando o transporte e comercialização de *salsamenta*, composta por troços de atum em salga.

No entanto, tendo em conta um exemplar encontrado intacto no naufrágio A de Dramont (Saint Raphael), contendo restos de azeitonas e um ramo de oliveira, e a recente publicação de um *titulus pictus* sobre uma ânfora deste tipo proveniente de Mesas de Asta (García Vargas 1998: 68, fig. 79 D) em que é mencionado um conteúdo vinícola, leva a que se questione a existência de um só conteúdo para estes contentores.

Entre os exemplares de ânfora do tipo T-7.4.3.3. das recolhas antigas em Chibanes, destaca-se a

presença de dois grafitos efetuados pós-cozedura no colo destes contentores. Poderemos estar em ambos os casos, eventualmente, perante marcas de propriedade? Não é de todo claro, nem o seu significado nem a sua leitura.

Na análise de ambas as peças tivemos a valiosa colaboração do Professor José Ángel Zamora López, a quem muito agradecemos. No caso do exemplar CHIB 2017.6.1 (fig. 3, n.º 8): “es claramente una inscripción. No creo que se trate de una inscripción paleohispánica, con esa cronología y en tal lugar. Podría en efecto, como dijo su excavador, tratarse de un grafito griego, pero considerando los grafemas legibles (compatibles con algunas letras del alfabeto latino cursivo de entorno al cambio de era) y el lugar de origen (la Cádiz ya romana) me inclinaría más bien por una lectura en tal alfabeto latino (quizá un nombre de persona de origen griego, típico de libertos o de artesanos: quizá pueda leerse PHI[LIPPUS?]). Si la cronología fuera del s. I a. C. yo creo que sería la explicación más probable.”

No caso do exemplar CHIB 2017.16.1 (fig. 2, n.º 1): “el signo mayor (el grafito algo similar a una gran W) podría no ser una letra, sino una marca no grafemática, un signo sin valor escritural. Podría en

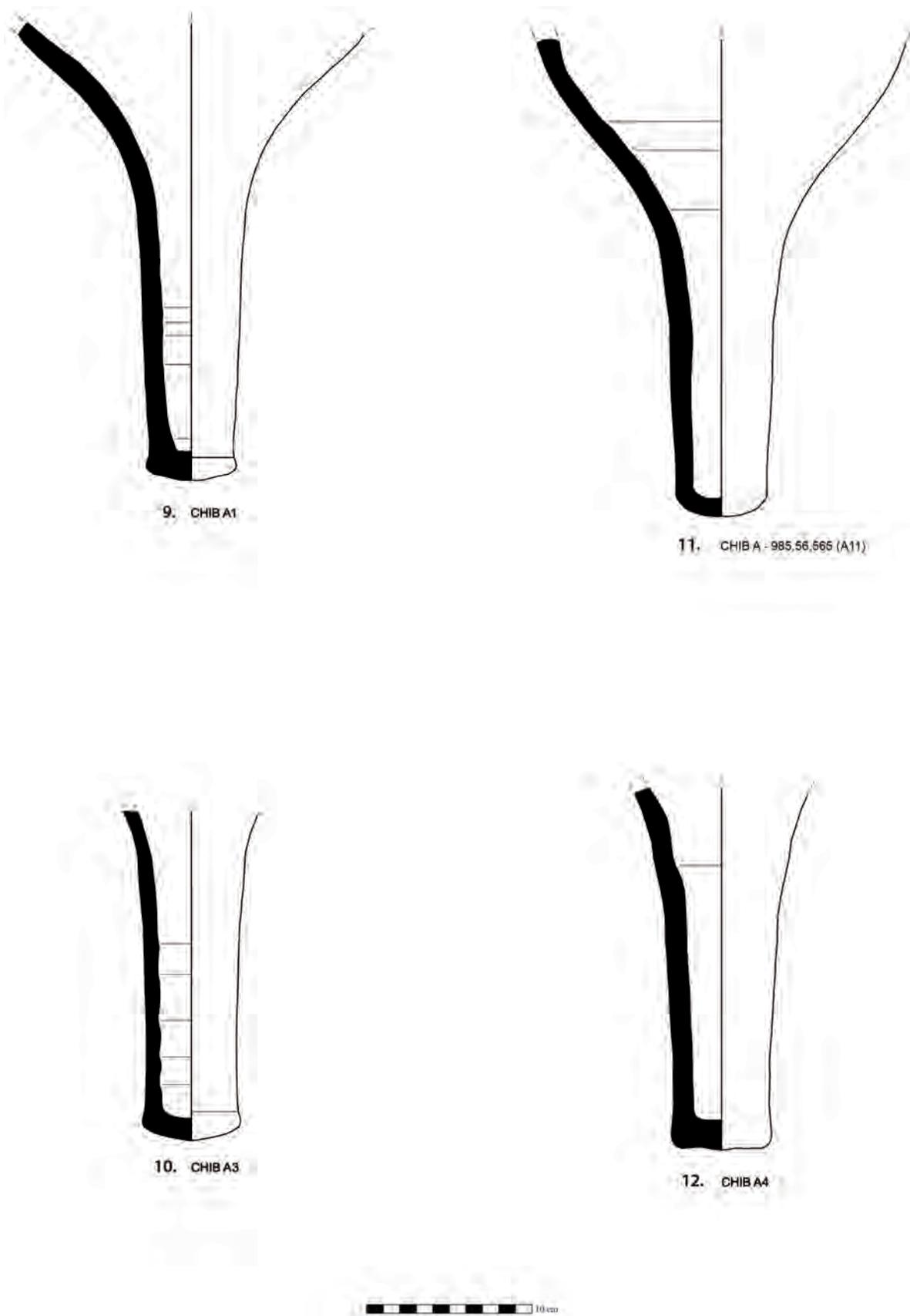


Fig. 4 - Fragmentos de fundos de ânforas do tipo Mañá C2b.

efecto ser una marca de propiedad, pero tratándose de una marca simple es poco probable. Podría también ser (creo que más probablemente) un marcado comercial, esto es, hecho para distinguir el ánfora durante su transporte y comercio. Podría incluso tratarse de un marcado productivo, realizado inmediatamente después de la fabricación del recipiente, aunque, por el tipo de incisión (en seco, profunda y no especialmente cuidada) parece más bien haber sido realizada durante el uso del contenedor.”

As ânforas vinárias produzidas em larga escala na Península Itálica, conotadas com os primeiros momentos do contacto com o mundo romano, e no caso do ocidente peninsular, frequente e diretamente relacionadas com o processo de implantação romana no território peninsular e com circuitos de abastecimento aos exércitos, enquadraram-se numa etapa terminal da República (Fabião 1998a: 175-176, Arruda - Almeida 1999, Pimenta 2005, Bargão 2006).

No trabalho de A. I. Marques da Costa, é apresentado na estampa V, fig. 482.^a, um contentor que podemos classificar como uma ânfora vinária itálica do tipo Dressel 1. Contudo, como já foi observado por Manuel Maia (1977), este exemplar não se encontra entre os materiais depositados no MNA. Na reanálise da coleção de Chibanes depositada no MNA, tentou-se indagar por este espécimen, mas sem sucesso. Apenas conseguimos estudar o bocal de Dressel 1 anteriormente publicado por Amílcar Guerra (Guerra 2004: 231, fig. 7, n.º 2), e identificar um exemplar de colo completo da mesma morfologia (fig. 5, n.ºs 13 e 14).

Não deixa de ser interessante sublinhar este aparente desequilíbrio entre a presença de ânforas do sul peninsular e as ânforas vinárias itálicas. Desequilíbrio esse que pode ser apenas aparente, visto nos recentes trabalhos de escavação realizados em Chibanes, as ânforas vinárias itálicas se encontrarem presentes (Tavares da Silva - Soares 1997: fig. 14, n.º 9, fig. 16, n.º 4, Tavares da Silva - Soares 2014: fig. 20, n.º 1).

Entre as ânforas vinárias itálicas, o tipo representado é o da ânfora Dressel 1, o contentor por excelência da exportação do vinho produzido nas grandes *villae* republicanas da zona da Etrúria, Campânia e Lácio (Tchernia 1986), cuja produção parece ter começado em inícios da segunda metade do século II a.C., prolongando-se seguramente até à segunda metade do século I a.C. De acordo com a observação macroscópica dos exemplares atribuíveis aos tipos itálicos registámos a presença de fabricos da

área campana (de pastas acastanhadas escuras, com abundantes elementos minerais negros vulcânicos), o principal foco exportador destes contentores (veja-se Pimenta 2005). Estamos, pois, em presença de uma proveniência da costa tirrénica da Península Itálica.

Identificaram-se ainda dois fragmentos de ânfora que remetem para produções pré-romanas: um bocal de ânfora de difícil classificação mas que podemos englobar no tipo Pellicer B/C de produção meridional da área turdetana (fig. 5, n.º 15) e um fragmento de asa de ânfora de produção regional da área do vale do Tejo ou do Sado (fig. 5, n.º 16).

As ânforas Pellicer B/C foram definidas a partir dos achados das escavações estratigráficas no Cerro Macareno (Pellicer Catalán 1978). O Professor da Universidade de Sevilha definiu as ânforas do seu Tipo B, como vindo na sequência dos modelos fenícios R1 do mundo fenício-púnico, possuindo bordos engrossados no exterior, de tendência semi-circular ou circular e reentrantes, tendo esta forma um corpo troncocónico. O Tipo C foi definido por Pellicer Catalán, como sendo uma ânfora de características iguais à anterior no que à definição dos bordos diz respeito, sendo que, a diferença entre um tipo anfórico e outro reside no corpo da ânfora, dado que a de Tipo B apresenta um corpo em forma troncocónica e as de Tipo C em forma fusiforme. Contudo, a fragmentação dos materiais impede, na maioria dos casos, uma maior definição tipológica; esta situação a par da dificuldade de associar determinados tipos de bocal a um tipo concreto leva a que os grupos B e C, na prática, tenham vindo a funcionar como um só (Bélen 2006: 219).

Corresponde a um característico modelo de ânfora de morfologia cilíndrica, alcançando o seu diâmetro máximo na parte imediatamente superior às asas, terminando num fundo apontado de tendência ogival. Os bocais evidenciam uma ampla variabilidade morfológica, estando, em geral, na continuação do corpo e possuindo um ligeiro engrossamento externo nos exemplares mais recentes como é o caso do exemplar de Chibanes. A sua produção encontra-se atestada no baixo vale do Guadalquivir e na área do estreito de Gibraltar (Bélen 2006). O exemplar CHIB 985.56.576 corresponde a um bocal bem preservado, com o lábio bem saliente e demarcado, de secção carenada, que se pode incluir no tipo 1 destas ânforas, definido a partir do estudo deste tipo de ânforas na estratigrafia do Castelo de Castro Marim (Fernandes 2009). Não existe uma evolução linear entre as diversas variantes estabelecidas por este investigador; considera-se o

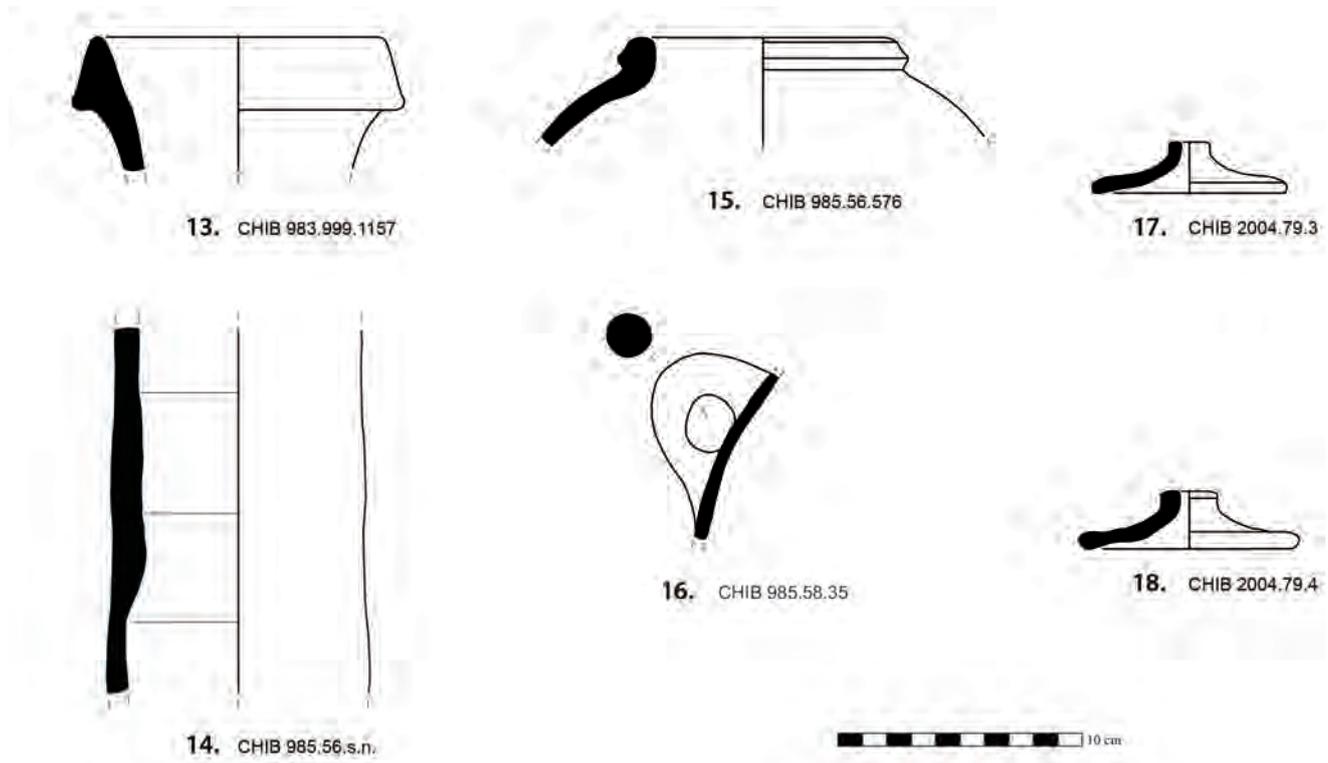


Fig. 5 - Ânforas do tipo Dressel 1 (n.ºs 13 e 14); tipo D de Pellicer (n.º 15); asa de ânfora de morfologia pré-romana de produção local/regional (n.º 16); dois opérculos (n.ºs 17 e 18).

tipo 1 como sendo frequente desde finais do século VI a.C. ao III a.C., ainda que a morfologia do fragmento que apresentamos na nossa figura 5, n.º 15 sugira uma morfologia centrada no século IV, o que remete para a fase pré-romana da ocupação de Chibanes (Fernandes 2009: 19-20).

Paralelamente às importações da costa sudoeste da Ulterior, nomeadamente da baía gaditana, encontra-se igualmente atestada a presença de um fragmento de asa, CHIB 985.58.35, integrável em modelos anfóricos de produção regional, possivelmente do vale do Tejo ou do vale do Sado. Apesar de apenas se encontrar um exemplar documentado na coleção do MNA, na publicação de Marques da Costa reconhecem-se, nas figuras, diversas asas que não chegaram até nós e que poderiam inserir-se nestes modelos (Costa 1910: Est. IV, fig. 483.^a).

A existência de uma produção de ânforas de tipologia pré-romana nos vales do Tejo/Sado foi inicialmente proposta por Ana Arruda (2002) para algumas ânforas recolhidas na Alcáçova de Santarém, sendo esta tese reforçada com os dados do estudo do conjunto anfórico republicano do Castelo de São Jorge, em Lisboa (Pimenta 2005) e consolidada para a Idade do Ferro com o estudo monográfico

das escavações arqueológicas realizadas na Rua dos Correeiros, em Lisboa (Sousa 2014). Considerando o aumento significativo da informação disponível, foi desenvolvida recentemente uma proposta tipológica para as produções regionais de ânforas pré-romanas do estuário do Tejo (Sousa - Pimenta 2014).

Por último, identificaram-se dois opérculos completos. Um de proveniência itálica, CHIB 2004.79.4 (fig. 5, n.º 18), e outro da área do sul peninsular, possivelmente da baía gaditana, CHIB 2004.79.3 (fig. 5, n.º 17). Nos últimos anos, a sistematização da tipologia do sistema de selagem das ânforas permite alguma informação de índole cronológica, bem como de proveniência (Bernal Casasola - Sáez Romero 2008). Não sendo demais reforçar a importância do estudo destas peças em associação com os contentores aos quais estavam ligados, visto que ambos formam um conjunto indissociável (Bernal Casasola - Sáez Romero 2008). De um ponto de vista tipológico, estes opérculos inserem-se no tipo 4 definido por Bernal Casasola e Sáez Romero (2008), no seu estudo sobre os opérculos do Círculo do Estreito de Gibraltar. Para este tipo, propõe-se uma cronologia entre inícios do século I a.C. e momentos já avançados do século I d.C.

O conjunto de ânforas merece-nos ainda um breve comentário. Sublinha-se, como acima

referimos, que apenas se estudaram os materiais de cronologia pré-romana e romana-republicana, excluindo-se de forma consciente os de cronologia romana mais tardia (Trindade - Diogo 1998) por estes não integrarem o artigo de Marques da Costa e por não existirem em Chibanes evidências de uma ocupação romana imperial estável. As ânforas que chegaram até nós, apesar de se tratar de amostra pouco numerosa, 10 NMI, permitem vislumbrar uma ocupação coincidente com o perfil cronológico que tem vindo a ser traçado para o sítio com as recentes escavações, os séculos III-I a.C.

Catálogo

1 - MNA 2017.16.1 – Diversos fragmentos, com colagem entre si, de ânfora completa do tipo T-7.4.3.3. Colam com este exemplar os fragmentos anteriormente publicados por Manuel Maia com os números CH-A - 7 (983.999.1164) e CH-A – 2. O lábio é exvertido, pendente com a extremidade arredondada, e com um pequeno ressalto junto ao lábio; diâmetro externo 24 cm. O corpo é cilíndrico, com diâmetro máximo de cerca de 25 cm e altura de 121 cm, o que faz deste exemplar um dos mais altos que se conhecem deste modelo de ânfora. O colo é estreito e côncavo, abrindo-se na sua parte superior. As asas situam-se na transição do colo para o corpo e apresentam um perfil anelar e secção circular. O fundo é oco e muito pronunciado, encontrando-se marcado por finas caneluras que o tornam muito característico. Pasta do grupo 1, amarelo-avermelhada (Muns. 5YR 6/6). Superfície alisada e da cor da pasta. Na área do colo, preserva um grafito de difícil interpretação gravado em fase de pós-cozedura.

2 - MNA 2017.16.2 – Diversos fragmentos, com colagem entre si, de ânfora do tipo T-7.4.3.3. O lábio é exvertido, pendente com a extremidade ovalada, e pequeno ressalto junto ao lábio; diâmetro externo 22,3 cm. O corpo é cilíndrico (diâmetro máximo cerca de 24,5 cm e altura máxima preservada 88,4 cm), encontrando-se marcado por finas, mas bem evidenciadas caneluras. O colo é estreito e côncavo, abrindo-se na sua parte superior. As asas situam-se na transição do colo para o corpo e apresentam perfil anelar e secção circular, sendo que apenas uma se preserva na totalidade. Na parte terminal, possui vestígios de restauro antigo. Contudo, o fundo está incompleto; na colecção do MNA não foram encontrados fragmentos que possam ligar com o nosso exemplar. Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Muns. 5YR 6/6). Superfície alisada e da cor da pasta.

3 - MNA 2017.16.3 – Diversos fragmentos, com colagem entre si, de ânfora do tipo T-7.4.3.3., faltando o bocal, uma das asas, e a parte terminal do fundo. O corpo é cilíndrico (diâmetro máximo cerca de 25,8 cm e altura máxima preservada de 93 cm). O colo é estreito e côncavo, abrindo-se na sua parte superior. As asas situam-se na

transição do colo para o corpo e apresentam perfil anelar e secção circular, sendo que apenas uma se preserva na totalidade. O fundo é oco e muito pronunciado, encontrando-se fragmentado. Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Muns. 5YR 7/6). Superfície alisada e da cor da pasta.

4 - CHIB A10 – Fragmento de bordo e colo troncocónico de ânfora do tipo T-7.4.3.3. O lábio é exvertido, pendente com a extremidade arredondada, e pequeno ressalto junto ao lábio (diâmetro externo 28 cm). Pasta do grupo 2, de cor bege (Muns. 2.5Y 8/3). Superfície alisada e da cor da pasta.

5 - CHIB A8 – Fragmento de bordo e arranque de colo de ânfora do tipo T-7.4.3.3. O lábio é exvertido, pendente com a extremidade arredondada, e pequeno ressalto junto ao bordo (diâmetro externo 27 cm). Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Mun. 2.5YR 5/6). Superfície de cor amarelada (Mun. 7.5Y 7/6).

6 - CHIB A9 – Fragmento de bordo e arranque de colo de ânfora do tipo T-7.4.3.3. O lábio é exvertido, pendente com a extremidade arredondada, e pequeno ressalto junto ao bordo (diâmetro externo 28 cm). Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Mun. 2.5YR 5/8). Superfície de cor amarelada (Mun. 7.5Y 7/6).

7 - CHIB A6 – Fragmento de bordo e arranque de colo troncocónico de ânfora do tipo T-7.4.3.3. O lábio é exvertido, pendente com a extremidade bilobada e diâmetro externo de 24 cm. Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Mun. 2.5YR 5/8). Superfície de cor amarelada (Mun. 7.5Y 7/6).

8 - CHIB 983.999.1211 - Fragmento de colo troncocónico de ânfora do tipo T-7.4.3.0., com inscrição incompleta: três letras gravadas em fase de pós-cozedura - **PHI**[...]. Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Mun. 5YR 7/6). Superfície alisada e da cor da pasta.

9 - CHIB A1 – Fragmento de fundo e arranque de bojo de ânfora do tipo T-7.4.3.0. Fundo cilíndrico oco, terminando em base ligeiramente convexa. Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Mun. 5YR 7/6). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

10 - CHIB A3 – Fragmento de fundo e arranque de bojo de ânfora do tipo T-7.4.3.0. Fundo cilíndrico oco, terminando em base ligeiramente convexa. Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Mun. 2.5YR 6/6). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

11 - CHIB A - 985.56.565 (A11) - Fragmento de fundo e arranque de bojo globular de ânfora do tipo T-7.4.3.0. Fundo cilíndrico oco, terminando numa base ligeiramente convexa. Pasta do grupo 2, de cor bege (Mun. 2.5Y 8/3). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

12 - CHIB A4 – Fragmento de fundo e arranque de bojo de ânfora do tipo T-7.4.3.0. Fundo cilíndrico oco, terminando numa base plana. Pasta do grupo 1, de cor amarelo-avermelhada (Mun. 5YR 6/6). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

13 - CHIB 983.999.1157 - Fragmento de bordo de ânfora do tipo Dressel 1. O lábio, oblíquo, de secção

triangular e de base côncava; diâmetro externo 13,2 cm.; índice altura do bordo/espessura máxima, 1,5. Pasta compacta e pouco depurada. Os elementos não plásticos são abundantes e constituídos por quartzos e quartzitos de pequenas dimensões, numerosas partículas negras de origem vulcânica e elementos carbonatados. As percentagens de elementos não plásticos e de argilosos são muito semelhantes, o que dá um aspeto muito característico a esta pasta. Cor amarelo-avermelhada (Mun. 5YR 7/6). A superfície externa apresenta uma espécie de aguada de cor branca ou bege-amarelada (Mun. 7,5YR 7/4).

14 - CHIB 985.56.s.n. – Fragmento de colo de ânfora do tipo Dressel 1. Colo cilíndrico completo. Pasta e superfície similar ao exemplar MNA 983.999.1157.

15 - CHIB 985.56.576 – Fragmento de bordo de ânfora do tipo B/C de Pellicer, produção do Sul peninsular (mundo turdetano?). Pasta dura e compacta de fratura irregular, com abundantes elementos não plásticos de pequena dimensão (quartzos, micas, elementos ferruginosos e de cerâmica moída). Cor avermelhada (Muns. 2.5YR 4/6).

16 - CHIB 985.58.35 – Fragmento de asa de ânfora de morfologia pré-romana. Bojo globular do qual arranca asa anelar de secção circular. Pasta compacta, bem depurada, de fratura regular, cor castanho-avermelhada (Mun. 10YR 7/4). Os elementos não plásticos são pouco abundantes e bem distribuídos, constituídos essencialmente por moscovite de pequena dimensão, raros elementos de biotites, abundante calcite, quartzo rolado, elementos de cerâmica cozida e vacúolos alongados. Superfícies alisadas e da cor da pasta.

17 - CHIB 2004.79.3 – Opérculo de ânfora do Sul peninsular (Baía Gaditana?). Encontra-se completo. Pasta de matriz arenosa e pulverulenta, bem depurada com escassos elementos não plásticos, de pequena dimensão, identificando-se quartzo rolado, mica e cerâmica moída. Cor castanho-avermelhada (Muns. 2.5YR 6/6). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

18 - CHIB 2004.79.4 – Opérculo, de ânfora itálico, completo. Pasta compacta, bem depurada com escassos elementos não plásticos. Não foi possível determinar a cor da pasta por este exemplar se encontrar completo. Superfície externa de cor castanho-pálida (Muns. 10YR 7/3).

3.2. CERÂMICAS DE VERNIZ NEGRO ITÁLICO

Manuela Delgado, no seu artigo de 1971 sobre a cerâmica campaniense em Portugal regista a existência de uma taça ática de verniz negro, da forma 21 ou 22 de Lamboglia inventariada como sendo de Setúbal no acervo do Museu Nacional de Arqueologia (Delgado 1971: 422). Contudo, Ana Margarida Arruda refuta esta atribuição, considerando um erro de inventário, e, a nosso ver,

identifica, de forma pertinente, a sua proveniência com as escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes. Essa atribuição baseia-se na referência, em dois distintos textos de Leite de Vasconcellos, a “[...] um pedacito de vaso grego” proveniente de Chibanes nas colecção do MNA (*apud in* Arruda 1997: 87-88). A questão da presumível existência de cerâmica grega em Chibanes é assaz relevante pois a sua real comprovação poderia atestar um elemento significativo sobre a ocupação mais remota do sítio durante a Proto-história. Infortunadamente, no âmbito deste trabalho, não se localizou nenhuma peça que se classifique como cerâmica grega, ainda que, como referimos mais à frente, as imitações destas formas se encontrem presentes em cerâmica cinzenta.

O conjunto de verniz negro recolhido por A. I. Marques da Costa e que se encontra depositado no Museu Nacional de Arqueologia foi recentemente revisto (Soria 2018). Este conjunto é significativo, sendo constituído por 40 fragmentos: 28 de produção calena das formas Lamb. 1, Lamb. 2, Lamb. 3; Lamb. 5/7 e Lamb. 12, de campaniense A das formas Lamb. 5/7; Lamb. 27ab e Lamb. 36 (Soria 2018: 157). Não nos estenderemos em considerações sobre este conjunto, visto ele constar da recente síntese elaborada pelo nosso colega Vincenzo Soria. Importa, porém, reter que estamos perante um conjunto coerente situado cronologicamente entre a última década do século II a.C. e a primeira metade do século I a.C. (Soria 2018).

3.3. CERÂMICAS DE TIPO KUASS

A presença de cerâmica de tipo Kuass entre os materiais recolhidos por A. I. Marques da Costa encontra-se documentada na publicação de 1910 e consta de diversas fotografias de taças completas (Costa 1910: fig. 446^a, fig. 447^a, fig. 463^a, fig. 464^a), que poderiam pertencer à forma IX-A de Niveau de Villedary y Mariñas (2003, Sousa 2009: 102). Porém, estes materiais não chegaram a dar entrada no MNA, tendo-se aparentemente extraviado. Do inventário que analisámos detectaram-se duas peças que podemos classificar como de tipo Kuass (fig. 6, n.º 19 e 20): uma taça completa da forma IX-A de Niveau de Villedary y Mariñas (CHIB 983.999.1100 – n.º 19) e um pequeno fragmento de fundo (CHIB 983.999.1212 – n.º 20) de mais difícil classificação, mas que podemos identificar com o do tipo 2-c (Niveau de Villedary y Mariñas 2003).

Apesar de a individualização desta categoria cerâmica ser relativamente recente, as produções

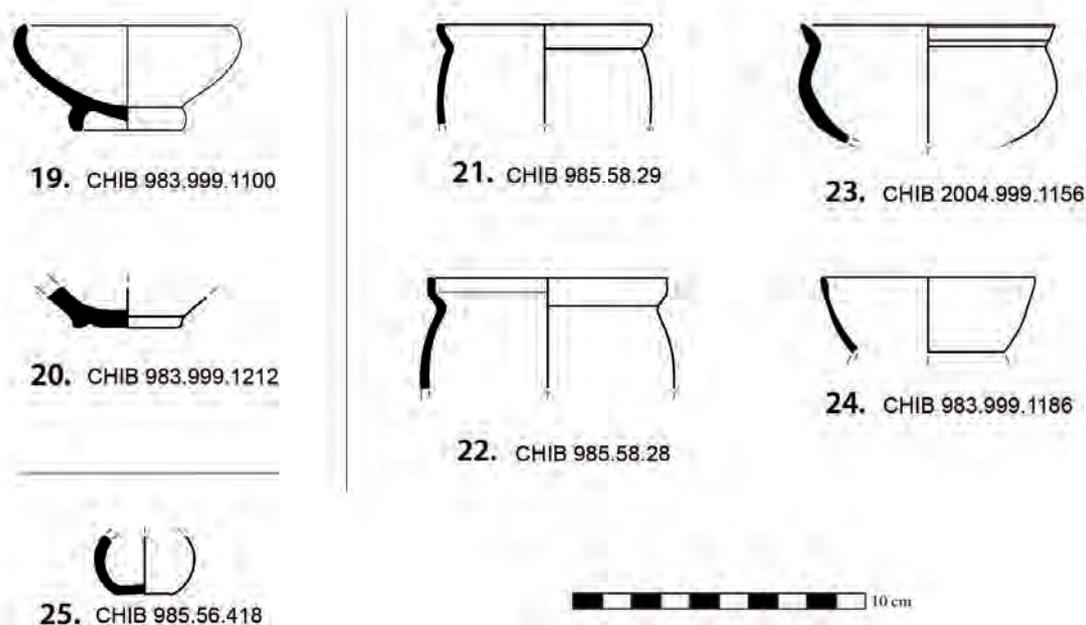


Fig. 6 - Cerâmica de paredes finas itálica (n.ºs 21 a 24); Cerâmicas de tipo Kuass (n.ºs 19 e 20); Fundo de unguentário (n.º 25).

designadas como de tipo Kuass comportam-se como um bom indicador da fase mais tardia da Idade do Ferro (Sousa - Arruda 2013). A cronologia da sua produção abrange o último quartel do séc. IV a.C. até ao período romano-republicano, passando por diferentes fases de evolução morfológica, o que permite estabelecer cronologias mais finas.

Nos primeiros momentos produtivos, a cerâmica de tipo Kuass caracteriza-se pela reprodução de formas do repertório da cerâmica grega de verniz negro, convertendo-se, durante o século III a.C., na cerâmica de mesa dominante da área do Estreito de Gibraltar (Niveau de Villedary y Mariñas 2003). Com a integração de Cádiz na esfera de Roma, estas produções são progressivamente substituídas pelas importações de verniz negro itálico; contudo, está bem documentada uma coexistência de ambos os repertórios e de uma adaptação das produções de Kuass aos novos serviços, mantendo-se aquelas nos inventários até meados do século I a.C., ainda que de modo minoritário (Sousa 2010, Sousa - Arruda 2013).

As formas de cerâmica de Kuass representadas em Chibanes, carecendo de contexto estratigráfico, não permitem determinar se pertencem à fase pré-romana ou à romano-republicana do sítio. De facto, a cronologia da forma IX-A, que integra taças globulares, remonta ao século IV a.C. e encontra-se bem documentada em contextos cronologicamente compreendidos entre essa fase e meados do

século I a.C. (Sousa 2009, 2010).

Catálogo

19 - CHIB 983.999.1100 – Quatro fragmentos com colagem entre si de taça de tipo Kuass. Pasta compacta e bem depurada. Com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão e bem distribuídos. Identifica-se quartzo e mica. Cor castanho-amarelada (Muns. 5YR 6/8). As superfícies evidenciam engobe vermelho em mau estado, espesso e pouco aderente (Muns. 7.5R 5/8).

20 - CHIB 983.999.1212 – Fragmento de fundo de cerâmica de tipo Kuass. Possui engobe negro espesso e bem aderente (Muns. 7.5YR 2.5/1). Pasta homogénea e bem depurada castanho-clara (Muns. 7.5YR 6/6).

3.4. CERÂMICAS DE PAREDES FINAS

Acompanhando a exportação dos vinhos itálicos e dos serviços de mesa em verniz negro, inicia-se a partir do primeiro quartel do século II a.C. a difusão das designadas cerâmicas de paredes finas de produção tirrénica. Estes delicados recipientes, que correspondem, essencialmente, a vasos de consumo de líquidos, tiveram boa aceitação no Ocidente da Península Ibérica (López Mullor 2013).

A presença de cerâmica de paredes finas em Chibanes (fig. 6, n.os 21 a 24) parece, de acordo com o artigo de A. I. Marques da Costa, encontrar-se bem documentada (Costa 1910: fig. 452^a, fig. 456^a, fig.

485^a, fig. 464^a), com peças de perfil completo que, de acordo com a fotografia publicada, poderíamos atribuir às formas II e III de Mayet (1975). Mais uma vez, estas peças não chegaram até nós. Da análise do conjunto conservado no MNA, identificam-se quatro fragmentos de bordo; um deles foi já objeto de publicação (Guerra 2004: 231, fig. 7, n.º 1).

Os bordos CHIB 985.58.29 (fig. 6, n.º 21) e CHIB 985.58.28 (fig. 6, n.º 22) correspondem a produções itálicas da forma II de Mayet (1975: 27); forma 1/12 de Ricci (1985: 246). Este tipo engloba copos de tendência ovóide, com um bordo pronunciado, voltado para o exterior e reto, podendo o lábio ser espessado, com o formato tendencialmente triangular. O seu fabrico foi associado por Ricci aos centros de produção situados na Etrúria (Ricci 1985: 245-246), o que se coaduna com a nossa observação macroscópica das pastas dos exemplares em apreço. A nível de cronologia, esta forma encontra-se datada entre os finais do século II a.C. e o principado de Augusto (López Mullor 2013); no território português, encontra-se presente em Santarém (Arruda – Sousa 2003: 243-244), Castelo da Lousa (Morais 2010: 156), Castro Marim (Abade 2018: 52-53) e Monte Molião (Sousa - Arruda 2018a: 207).

O bordo CHIB 2004.999.1156 (Fig. 6, n.º 23) apresenta-se de difícil enquadramento morfotipológico. O lábio, de perfil triangular, destacado e separado do bojo por uma fina canelura, sugere-nos, por um lado, a forma IIA de Mayet (1975), mas o seu perfil globular pode remeter para a forma IIIB, ou mesmo para a forma X (Mayet 1975, Pl. XVI, n.º 129).

Por último, o fragmento CHIB 983.999.1186 (fig. 6, n.º 24) corresponde a uma produção itálica da Forma III de Mayet (1975: 27); Forma 1/16 de Ricci (1985: 247). Trata-se de um copo de corpo globular, por vezes, com tendência ovóide. O bordo é alto e encurvado para o interior, formando uma garganta interna, com o lábio ligeiramente voltado para o exterior. A cronologia desta forma enquadra-se entre os finais do século II a.C. e o período de Augusto (López Mullor 2013). Esta forma está presente, no atual território português, na Alcáçova de Santarém (Arruda - Sousa 2003: 252), no Alto dos Cacos, Almeirim (Pimenta - Henriques - Mendes 2012: 48, fig. 49), no Castelo da Lousa (Morais 2010: 155-156), em Castro Marim (Abade 2018: 52 e 53) e em Monte Molião (Sousa - Arruda 2018a: 207).

Catálogo

21 - CHIB 985.58.29 – Fragmento de bordo e bojo de copo de paredes finas da forma Mayet IIA. Pasta arenosa

e bem depurada. Com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão e bem distribuídos. Identificam-se micas e vacúolos. Cor castanho-amarelada (Muns. 5YR 7/8). Superfície alisada e da cor da pasta.

22 - CHIB 985.58.28 – Fragmento de bordo e bojo de copo de paredes finas da forma Mayet IIA. Pasta compacta e bem depurada. Com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão e bem distribuídos. Identificam-se quartzo e mica. Cor castanho-amarelada (Muns. 2.5YR 6/6). Superfície alisada e da cor da pasta.

23 - CHIB 2004.999.1156 – Fragmento de bordo e bojo de paredes finas. Pasta compacta e homogénea, bem depurada com escassos elementos não plásticos. Cor castanho-avermelhada (Muns. 10R 4/6). Superfície externa com acabamento cuidado, e engobe acetinado, polido e de cor castanho-acinzentada (Muns. 10R 3/1).

24 - CHIB 983.999.1186 – Fragmento de bordo de paredes finas da forma Mayet III. Pasta pulverulenta e homogénea, bem depurada com escassos elementos não plásticos. Cor castanho-avermelhada (Muns. 10R 4/6). Superfície externa com acabamento cuidado, engobe acetinado e polido, de cor castanho-acinzentada (Muns. 10R 3/1).

3.5. UNGUENTÁRIO

Preserva-se, na coleção Marques da Costa, um pequeno fragmento de fundo e bojo de unguentário (fig. 6, n.º 25). O nível de fragmentação da peça em questão impossibilita classificação tipológica precisa, embora a análise do fundo permita atribuí-la genericamente ao tipo D de Lattara, cuja cronologia se situa entre finais do século I a.C. e a primeira metade do século I d.C. (Py 1993, Camilli 1997, Huguet Enguita - Ribera i Lacomba 2013: 195).

Apesar dos unguentários serem um tipo de recipiente normalmente usual em contextos funerários, a sua presença em espaços de habitat encontra-se igualmente bem referenciada (Sousa - Arruda 2018b).

Catálogo

25 - CHIB 985.56.418 – Fragmento de fundo e bojo de unguentário em cerâmica. Pasta homogénea e bem depurada. Com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão. Cor castanho-amarelada (Muns. 10YR 7/3). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

3.6. CERÂMICAS CINZENTAS

Sob esta designação geral englobamos um conjunto heterogéneo de produções cerâmicas, cujas superfícies apresentam acabamento cuidado - polidas, brunidas ou espatuladas - e cor acinzentada,

resultante de cozedura redutora, por vezes de aspeto metálico. A nível macroscópico, entre o conjunto analisado foi definido um único grupo de fabrico, de produção regional, possivelmente do vale do Tejo/Sado: pasta compacta, de matriz arenosa, muito bem depurada com escassos elementos não plásticos, sendo estes de pequena dimensão. Identificam-se elementos de quartzo rolados, e moscovite. Cor castanho-acinzentada (Muns. 5YR 4/4). Superfície externa polida e cinzenta (Muns. 10YR 4/1).

Os exemplares CHIB 985.56.579 (fig. 7, n.º 26) e CHIB 983.79.s.n. (fig. 7, n.º 27) correspondem a taças que mostram traços de influência de protótipos gregos. Estas produções de matriz helenística, até há pouco mal documentadas no extremo ocidente, foram recentemente sistematizadas para o vale do Tejo (Sousa 2016, Sousa - Pimenta 2017). Nos exemplares em análise, a presença de um exemplar bem preservado (CHIB 985.56.579) permite descrever de forma clara aquela taça. Possui bordo simples e ligeiramente exvertido, a partir do qual se desenvolve perfil carenado bem marcado. A base é de tendência anelar, exibindo um pé consideravelmente alto, cujo perfil se assemelha, de certa forma, ao de algumas taças gregas. Partindo da carena, são aplicadas duas asas horizontais, de secção geralmente subcircular, que constituem o elemento revelador da influência dos protótipos do Mediterrâneo Oriental.

A imitação de tipos cerâmicos helenísticos não tem, porém, a expressividade observada em áreas mais meridionais da Península Ibérica, tal como a baía gaditana. Estas evidências observam-se quase exclusivamente nas produções designadas por cerâmicas cinzentas. Não é fácil determinar com precisão os modelos que serviram de inspiração para a produção destes exemplares. Os tipos mais próximos, se atendermos ao perfil carenado, seriam algumas variantes das *stemmed cups*, cuja cronologia se centra sobretudo nos finais do século VI e século V a.C., mas que, em alguns casos, se pode prolongar até ao século IV a.C.. Contudo, a inexistência, até à data, de qualquer importação destes vasos na área impõe alguma cautela nesta associação (Sousa - Pimenta 2017).

Em termos morfológicos, os elementos de inspiração grega mais evidentes identificam-se em um conjunto de peças de perfil carenado que tem surgido em diferentes sítios da área urbana de Lisboa – Rua de São João da Praça (Pimenta - Calado - Leitão 2014), escavação do edifício do Lote 40 do Beco do Forno do Castelo, e Teatro Romano (Sousa - Pimenta 2017); em Santarém, na Alcáçova (Arruda - Viegas -

Almeida 2002); no povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro, Salvaterra de Magos (Sousa 2016). Ainda que, na grande maioria dos casos, não possuam um contexto arqueológico primário, a escavação de São João da Praça, permite atribuir uma cronologia de finais do século III a.C. para uma destas taças. No vale do Sado, embora correspondendo a modelo mais aberto, foi recolhido um fragmento de características similares na Lapa do Fumo (Arruda - Cardoso 2013); e na cripta arqueológica da pousada de Alcácer do Sal encontra-se exposto exemplar idêntico, que terá sido recolhido em escavações aí realizadas.

Entre as cerâmicas cinzentas, o grupo melhor representado é o dos jarros ou *oenochoi* (fig. 7, n.ºs 28 a 35). Caracterizam-se por bordo trilobado, de lábio simples exvasado, de onde arranca asa de secção circular. O colo é curto, marcado por caneluras que fazem a transição para o corpo de perfil troncocónico, sendo este profusamente decorado; fundo em ônfalo. A decoração, brunida, ocorre principalmente no bojo, sob a forma de retícula (Pimenta - Calado - Leitão 2013).

Entre os exemplares em apreço destaca-se o CHIB 985.56.497 (fig. 7, n.º 28), com decoração distribuída por duas faixas: uma formada por motivo em triângulos abertos na base; outra, com provável representação esquemática de dois barcos. O melhor preservado evidencia a proa e a popa, notando-se, nesta última, dez traços ao alto que poderão corresponder a remos. O putativo segundo barco encontra-se pior conservado, não sendo clara a sua leitura. Contudo, é tentador ver, no que se conservou, a popa, uma vela triangular e traços talvez representando remos ao alto.

A figuração de embarcações em recipientes cerâmicos não é inédita na região do estuário do Tejo, tendo sido identificada em exemplares do povoado de Almaraz (Arruda 2002, Batalha - Barros 2018) e do Núcleo Arqueológico da rua dos Correeiros (Sousa 2014). De salientar que nestes exemplares a técnica decorativa não foi o brunido e que em ambos os casos estamos perante peças da primeira metade do primeiro milénio a.C., ou seja, bem mais antigas que o recipiente de Chibanes.

Paralelos para os jarros de Chibanes, com decorações brunidas e motivos geométricos, têm sido identificados nos vales do Sado e Tejo, em contextos de finais da Idade do Ferro e do período romano-republicano. No vale do Sado encontra-se assinalado pelas recentes escavações de Chibanes (Tavares da Silva - Soares 1997) e no povoado do Pedrão, Setúbal (Soares - Tavares da Silva 1973). Ao

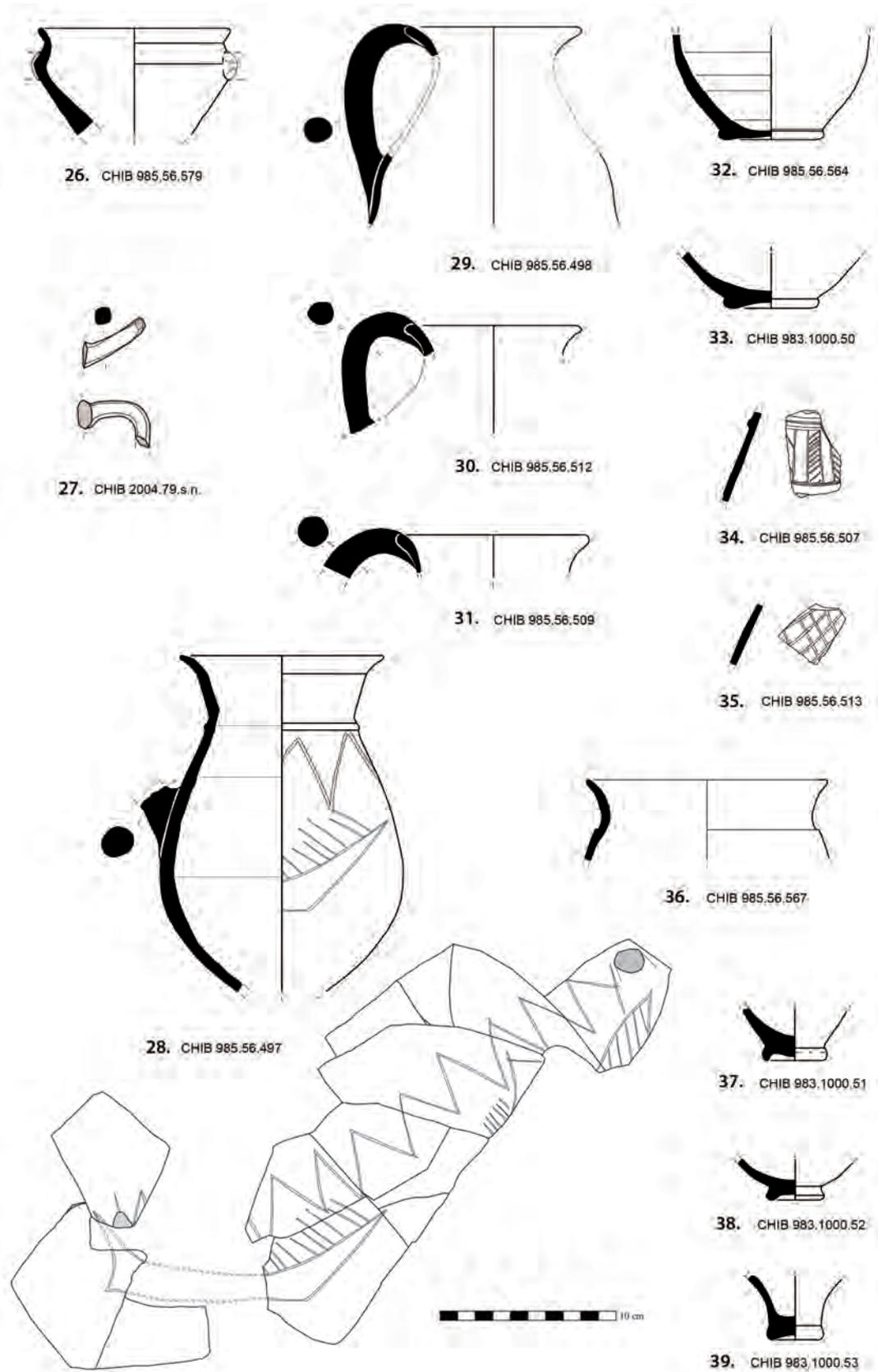


Fig. 7 - Cerâmicas cinzentas (n.ºs 26 a 39). O jarro n.º 28 possui decoração brunida com a representação esquemática de dois barcos. Desenhos de Inês Conde.

longo do vale do Tejo, estão presentes em Chões de Alpompé, Santarém (Pimenta - Arruda 2014), na Alcáçova de Santarém (Arruda 2002), no Porto de Sabugueiro, Salvaterra de Magos (Pimenta - Mendes 2008), em São Salvador, Cadaval (Cardoso 2014), no sítio do Castelo, Arruda dos Vinhos (*ibidem*), no povoado de Castanheira, Vila Franca de Xira (Pimenta - Mendes - Madeira 2008), no povoado da Quinta do Bulhaco, Vila Franca de Xira (Pimenta - Mendes 2015), na Quinta da Torre, Almada (Cardoso - Carreira 1997/1998) e na cidade de Lisboa, em contextos do final do século III a.C. (São João da Praça) e sobretudo em contextos bem datados do terceiro quartel do século II a.C. na área do Castelo (Pimenta 2005, Pimenta *et al.* 2014, Mota - Pimenta - Silva 2014). Trata-se de uma morfologia herdeira do mundo indígena e que pode ser remontada até meados do século V a.C., sendo o exemplar mais emblemático proveniente do sítio de Outorela, Oeiras (Cardoso *et al.* 2014).

Por último, entre o grupo das cerâmicas cinzentas, identificámos um bordo de pote de tradição sidérica (CHIB 985.56.567; fig. 7, n.º 36) e três fundos de taças (fig. 7, n.º 37 a 39) de difícil enquadramento cronológico.

Catálogo

26 - CHIB 985.56.579 – Dois fragmentos que colam entre si de taça em cerâmica cinzenta imitando uma Kylix. Lábio exvertido com 12 centímetros de diâmetro; colo curto, seguido de corpo carenado de morfologia cónica; na área da carena, dois arranques de asas laterais. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 5/1). A superfície externa, em mau estado, conserva ainda restos de polimento de cor cinzenta (Muns. 10YR 5/2).

27 - CHIB 2004.79.s.n. – Fragmento de asa de taça em cerâmica cinzenta, imitando cerâmica grega. Pasta compacta, evidenciando uma cozedura em ambiente redutor, muito bem depurada com escassos elementos não plásticos, de pequena dimensão. Identificam-se elementos de quartzo rolados, mica dourada. Cor castanho-acinzentada (Muns. 2.5YR 6/8). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

28 - CHIB 985.56.497 – Diversos fragmentos, com colagem entre si, de jarro em cerâmica cinzenta fina polida. Lábio simples virado para o exterior. Colo troncocónico curto, delimitado por caneluras bem marcadas que o separam do bojo. Este, de tendência globular, é profusamente decorado. A decoração desdobra-se em duas faixas: uma com motivo em triângulos abertos na base; a outra, com dois motivos que interpretamos como representações esquemáticas de dois barcos. O melhor preservado evidencia ainda a proa e a popa. A meio do

bojo, arranque de uma asa maciça de secção circular. Pasta compacta, de cozedura em ambiente redutor, bem depurada com escassos elementos não plásticos, de pequena dimensão. Identificam-se elementos de quartzo rolados e mica dourada. Cor castanho-acinzentada (Muns. 5YR 4/4). Superfície externa polida e de cor cinzenta (Muns. 10YR 4/1).

29 - CHIB 985.56.498 – Dois fragmentos com colagem entre si de jarro em cerâmica cinzenta fina polida. Lábio simples virado para o exterior, do qual arranca uma asa maciça de secção circular. O corpo pode apenas ser intuído, apresentando-se de perfil globular. Pasta similar à do exemplar acima descrito. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 5/2). Superfície externa polida e da cor da pasta.

30 - CHIB 985.56.512 – Dois fragmentos com colagem entre si de jarro em cerâmica cinzenta fina polida. Lábio simples virado para o exterior, do qual arranca uma asa maciça de secção circular. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 4/2). Superfície externa polida e da cor da pasta.

31 - CHIB 985.56.509 – Fragmento de jarro em cerâmica cinzenta fina polida. Lábio simples virado para o exterior, do qual arranca uma asa maciça de secção circular. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 5/2). Superfície externa polida e da cor da pasta.

32 - CHIB 985.56.564 – Cinco fragmentos de fundo com colagem entre si, de recipiente de forma fechada, em cerâmica cinzenta fina polida – jarro? Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 5YR 4/3). Superfície externa polida e da cor da pasta.

33 - CHIB 983.1000.50 – Fragmento de fundo de recipiente fechado, em cerâmica cinzenta fina polida – jarro? Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 6/2). Superfície externa polida e lustrosa, de cor negra (Muns. 2.5Y 3/1).

34 - CHIB 985.56.507 – Fragmento de colo de jarro em cerâmica cinzenta fina polida. Decoração brunida composta por três faixas verticais, preenchidas por traços oblíquos. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 6/1). A superfície externa encontra-se alisada e polida do tom da pasta.

35 - CHIB 985.56.513 – Fragmento de bojo de jarro em cerâmica cinzenta fina polida. Decoração brunida reticulada. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 5/2). Superfície externa polida e da cor da pasta.

36 - CHIB 985.56.567 – Fragmento de pote em cerâmica cinzenta fina polida. Pasta de matriz arenosa, com numerosos elementos não plásticos de pequena dimensão bem distribuídos. Cor castanho-acinzentada (Muns. 5YR 3/1). Superfície externa polida e da cor da pasta.

37 - CHIB 983.1000.51 – Fragmento de fundo de taça em cerâmica cinzenta fina polida. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 7.5YR 5/1). Superfície externa polida e da cor da pasta.

38 - CHIB 985.1000.52 – Dois fragmentos com colagem entre si, de taça em cerâmica cinzenta. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 7.5YR 5/1). Superfície externa polida e da cor da pasta.

39 - CHIB 983.1000.53 – Fragmento de fundo de taça em cerâmica cinzenta fina polida. Pasta similar à do exemplar 985.56.497. Cor castanho-acinzentada (Muns. 10YR 5/1). Superfície externa polida e da cor da pasta.

3.7. CERÂMICA COMUM ITÁLICA

Individualiza-se na coleção proveniente das escavações de A. I. Marques da Costa um pequeno, mas interessante conjunto de cerâmica comum de proveniência itálica. Apesar da sua presença no extremo ocidente ser escassa, a publicação de importantes contextos republicanos de sítios como o Castelo da Lousa (Pinto - Schmitt 2010), Monte Molião (Sousa - Arruda 2014a, 2014b) ou Lisboa (Pimenta *et al.* 2014) tem vindo a mostrar que é possível documentá-la desde momentos precoces da presença romana, a par de outras importações cerâmicas, um pouco como tem vindo a ser definido para a restante Península Ibérica (Huguet Enguita 2013).

Sobressai, pelo seu ineditismo, a identificação em Chibanes de dois bordos de almofarizes itálicos (CHIB 983.999.971 - fig. 8, n.º 41 e CHIB 985.58.31 - fig. 8, n.º 42) da forma Com-It 8d, com uma cronologia entre 200 e 50 a.C. (Bats 1993: 362), assim como de um fragmento de bordo (CHIB 983.999.968 - fig. 8, n.º 40) da forma Com-It 7, com uma cronologia entre 200 e 50 a.C. (Bats 1993: 361).

Catálogo

40 - CHIB 983.999.968 – Fragmento de tampa de cerâmica comum itálica. Pasta arenosa e heterógena, com abundantes elementos não plásticos, identificando-se areias vulcânicas, quartzo e mica. Cor castanho-avermelhada (Muns. 2.5YR 4/8). Superfície externa alisada e de cor castanha (Muns. 5YR 5/6).

41 - CHIB 983.999.971 – Fragmento de almofariz itálico com arranque de bico ou possivelmente de decoração digitada sobre o lábio. Pasta arenosa e heterógena, com abundantes elementos não plásticos, identificando-se areias vulcânicas, quartzo e mica. Cor castanho-acinzentada (Muns. 7.5YR 5/4). Superfície externa polida e da cor da pasta. Superfície interna marcada por caneluras.

42 - CHIB 985.58.31 – Dois fragmentos com colagem entre si de bordo e bojo de almofariz itálico. Pasta dura e heterógena, com abundantes elementos não plásticos, identificando-se areias vulcânicas, quartzo e mica. Cor

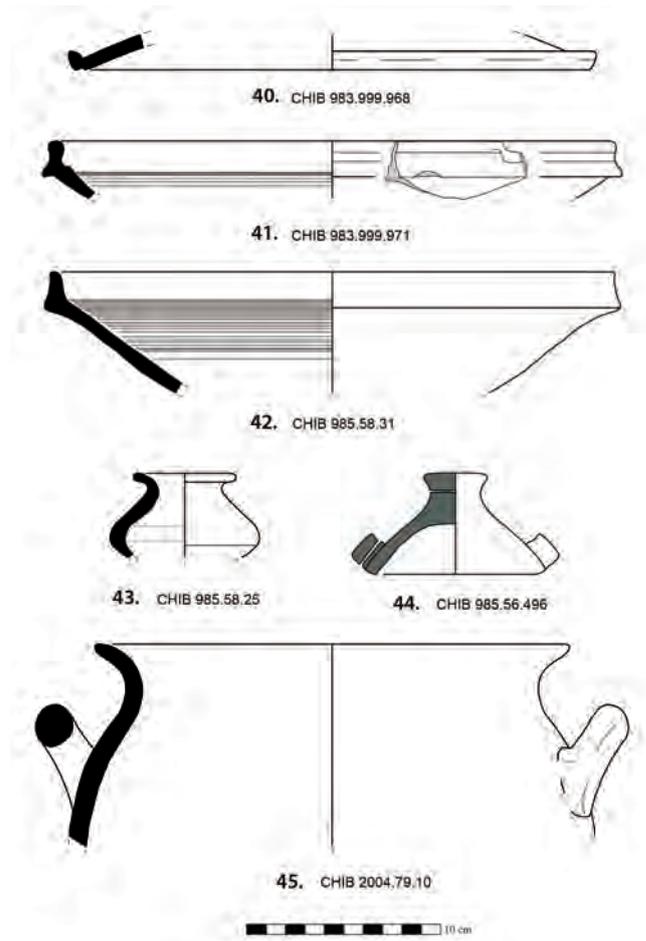


Fig. 8 - Fragmento de tampa de cerâmica comum itálica (n.º 40); fragmento de almofarizes itálicos da forma Com-It 8d (n.ºs 41 e 42); fragmento de bordo e bojo de pequeno pote (n.º 43); tampa de urna de "orelhetas" de produção manual (n.º 44); fragmento de contentor de armazenamento (n.º 45).

castanho-acinzentada (Muns. 10YR 4/1). Superfície externa polida e da cor da pasta. Superfície interna marcada por caneluras.

3.8. CERÂMICA COMUM E DECORADA POR ESTAMPILHAS

A cerâmica comum corresponde, normalmente, num sítio arqueológico desta natureza, a uma categoria numerosa e heterógena. O facto de na presente amostra este grupo se encontrar sub-representado poderá indicar alguma triagem na recolha, ou um processo aleatório na forma como a coleção chegou até nós. De facto, se analisarmos a publicação de A. I. Marques da Costa são visíveis algumas peças mais completas desta categoria cerâmica que não chegaram até nós (veja-se Costa 1910: figs. 486^a, 492, 493^a, 491^a e 487^a).

O exemplar CHIB 985.58.25 (fig. 8, n.º 43) pertence a um pequeno pote que encontra paralelos diretos entre o espólio da necrópole do Olival de Senhor dos Mártires em Alcácer do Sal, onde formas similares foram integradas no grupo VIII.2 - Pequenos potes bitroncocónicos (Gomes 2016: 121, Est. XIX).

A peça CHIB 985.56.496 (fig. 8, n.º 44) já foi anteriormente publicada por Beirão e Gomes (1983, fig. 14, n.º 7). Trata-se de tampa de urna de orelhetas perfuradas em cerâmica manual e remete-nos, tal como a peça acima descrita, para um contexto de necrópole.

O exemplar CHIB 2004.79.10 (fig.8, n.º 45) é o único fragmento de bocal de contentor de armazenamento que chegou até nós. A peça em questão apresenta uma invulgar asa lateral; poderá corresponder a um regionalismo do vale do Sado: identificou-se, nos níveis da fase IV do Castelo de Alcácer do Sal, um recipiente com asa idêntica

(Tavares da Silva *et al.* 1980-1981: 177, Fig. 17, n.º 181).

O grupo das cerâmicas estampilhadas é, nesta coleção, o mais numeroso, incluindo exemplares apresentados por Marques da Costa em 1910. As cerâmicas estampilhadas (Arnaud - Gamito 1974-1977) constituem um dos grupos mais emblemáticos da Idade do Ferro celtizante, de origem continental. Encontram-se relativamente bem representadas em sítios da II Idade do Ferro do Alentejo interior, como Segóvia (Bargão 2017), Cabeça de Vaiamonte (Arnaud - Gamito 1974-1977), mas também no Alentejo ocidental, nomeadamente no depósito votivo de Garvão, onde esta técnica decorativa por vezes se associa à da pintura no mesmo recipiente, e onde foi documentada abundante cerâmica manual decorada por cordões segmentados, incisões e impressões (Beirão *et al.* 1985); em Miróbriga e Pedra da Atalaia, em Santiago do Cacém, observou-se igualmente a presença de cerâmica estampilhada e de cerâmica

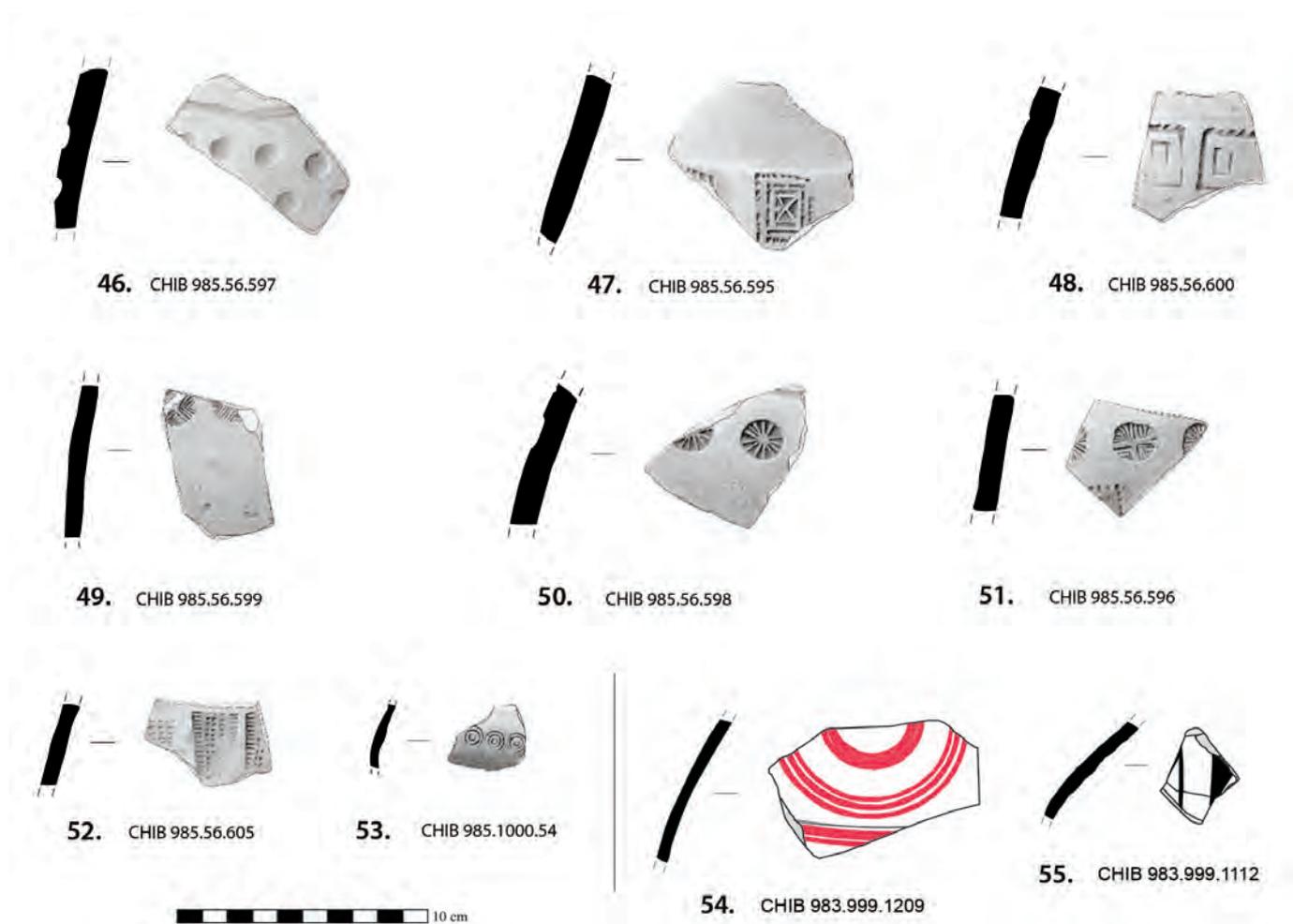


Fig. 9 - Fragmentos de cerâmica com decoração estampilhada (n.ºs 46 a 53) e pintada (n.ºs. 54 e 55). Desenhos de Inês Conde.

manual decorada por cordões, impressões e incisões (Soares - Tavares da Silva 1979; Tavares da Silva 1978). No Castelo da Lousa, de fundação romano-republicana, foi registada a presença de cerâmica com decoração estampilhada (Alarcão - Carvalho - Gonçalves 2010).

Catálogo

43 - CHIB 985.58.25 – Fragmento de bordo e bojo de pequeno pote. Lábio exvertido, e bojo globular. Pasta de matriz arenosa e polvorenta, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão e bem distribuídos. Identificam-se elementos de quartzo, mica e ferruginosos. Cor castanho-amarelada (Muns. 10YR 7/3). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

44 - CHIB 985.56.496 – Tampa de urna de “orelhetas” de produção manual. Ver descrição no artigo de Beirão e Gomes (1983). Pasta heterógena e de tato granuloso, com abundantes elementos não plásticos bem distribuídos e de pequena dimensão. Identificam-se elementos de quartzo rolados, mica dourada e ferruginosos. Cor castanho-amarelada (Muns. 5YR 5/4). Superfície externa alisada e espatulada, da cor da pasta; parte da superfície externa encontra-se queimada devido ao processo de cozedura, apresentando cor negra (Muns. 5YR 2.5/1).

45 - CHIB 2004.79.10 – Fragmento de contentor de armazenamento. Lábio simples e pendente; corpo de tendência globular munido de asa lateral de secção ovalada. Pasta dura e compacta, com abundantes elementos não plásticos, bem distribuídos e de pequena dimensão, identificando-se quartzo, mica dourada e alguns elementos de cerâmica cozida. Cor castanho-acinzentada (Muns. 7.5YR 5/1). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

46 - CHIB 985.56.597 – Fragmento de parede de contentor de armazenamento, fabricado a torno lento. Decoração impressa com motivos circulares que formam duas linhas paralelas. Na parte superior do fragmento nota-se uma linha ondeante. Pasta de matriz arenosa, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, identificando-se quartzo rolado e mica. Cor castanha (Muns. 7.5YR 6/4). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

47 - CHIB 985.56.595 – Fragmento de parede de contentor de armazenamento, fabricado a torno lento. Decoração impressa com motivos quadrangulares. Pasta idêntica à do exemplar anterior - 985.56.597. Cor castanha (Muns. 7.5YR 6/4). Superfície externa alisada e polida, e da cor da pasta.

48 - CHIB 985.56.600 – Fragmento de parede de contentor de armazenamento, fabricado a torno. Decoração impressa com motivos retangulares. Muito rolado (talvez recolha de superfície). Nenhuma das estampilhas se encontra totalmente preservada. Pasta idêntica à do exemplar anterior - 985.56.595. Cor castanha (Muns. 7.5YR 6/4). Superfície externa alisada e da cor da

pasta.

49 - CHIB 985.56.599 – Fragmento de parede de contentor de armazenamento, fabricado a torno lento. Decoração impressa com motivos circulares. Preservam-se duas estampilhas ainda que incompletas. Pasta compacta e homogénea, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, identificando-se quartzo rolado, mica e elementos ferruginosos. Cor castanha (Muns. 7.5YR 5/6). Superfície externa alisada e polida e da cor da pasta.

50 - CHIB 985.56.598 – Fragmento de parede de contentor de armazenamento, fabricado a torno lento. Decoração impressa com motivos circulares. Conservam-se duas estampilhas ainda que uma delas incompleta. Acima da linha das estampilhas, canelura bem marcada. Pasta dura e heterogénea, com abundantes elementos não plásticos de pequena e média dimensão, identificando-se quartzo rolado, mica, elementos ferruginosos e vacúolos alongados. Cor castanha (Muns. 7.5YR 4/4). Superfície externa alisada e da cor da pasta.

51 - CHIB 985.56.596 – Fragmento de parede de contentor de armazenamento, fabricado a torno. Duas linhas de decoração impressa: uma com motivos circulares; outra com estampilha quadrangular ou retangular, similar à do exemplar CHIB 985.56.595. Pasta de matriz arenosa, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, identificando-se quartzo rolado e mica. Cor castanha (Muns. 7.5YR 6/8). Superfície externa alisada, da cor da pasta.

52 - CHIB 985.56.605 – Fragmento de parede de contentor de armazenamento, fabricado a torno lento. Decoração impressa com motivos retangulares. Pasta arenosa e homogénea, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, identificando-se quartzo rolado, mica, elementos de cerâmica moída e vacúolos alongados. Cor castanha (Muns. 5YR 5/6). Superfície externa alisada e polida e da cor da pasta.

53 - CHIB 983.1000.54 – Fragmento de pequeno recipiente de forma fechada em cerâmica cinzenta fina - jarro? Decoração impressa com motivos circulares, no bojo. Preservam-se três pequenas estampilhas, compostas por três círculos concêntricos. Pasta compacta, muito bem depurada com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão, identificando-se quartzo rolado. Cozedura em ambiente redutor. Cor castanho-acinzentada (Muns. 5YR 2.5/1). Superfície externa alisada e polida, da cor da pasta.

3.9. CERÂMICA PINTADA

Diretamente relacionadas, de um ponto de vista tipológico, com as produções comuns acima descritas, as cerâmicas pintadas constituem um dos itens mais característicos dos repertórios da Idade do Ferro do Sul peninsular, com origem no mundo oriental e alcançando o período romano-republicano (Gomes 2016: 125; Tavares da Silva 2011).

No conjunto em análise, individualizam-se apenas dois fragmentos de bojo de recipientes fechados com decoração pintada. O exemplar CHIB 983.999.1209 (fig. 9, n.º 54) apresenta decoração composta por dois conjuntos de círculos de cor castanho-avermelhada; insere-se na tradição decorativa típica da II Idade do Ferro do Sul peninsular, encontrando paralelos em vasos da necrópole e acrópole de Alcácer do Sal (Gomes 2016: Est. XXVI, Tavares da Silva *et al.* 1980-1981: Fig. 19), de Miróbriga (Soares - Tavares da Silva 1979: Est. 5-6), do depósito votivo de Garvão (Beirão *et al.* 1985, 1987), da colina de Santa Maria, área urbana de Setúbal (Soares - Tavares da Silva 1986), para citar apenas jazidas do vale do Sado e litoral sudoeste. O fragmento CHIB 983.999.1209 (fig. 9, n.º 55) é de mais difícil enquadramento, evidenciando uma pintura a negro de grande qualidade.

Catálogo

54 - CHIB 983.999.1209 – Fragmento de bojo de forma fechada (urna?). Decoração pintada de cor castanho-avermelhada (Muns. 2.5YR 5/4), constituída por dois conjuntos de três círculos e por três linhas horizontais paralelas entre si. Pasta compacta e homogénea, bem depurada, com escassos elementos não plásticos. Cor castanho-avermelhada (Muns. 5YR 5/4). Superfície externa polida, de cor castanho-acinzentada (Muns. 5YR 6/4).

55 - CHIB 983.999.1112 – Fragmento de bojo de forma fechada (pote?), decoração pintada de cor negra (Muns. 5YR 4/2): triângulo e linhas vertical e oblíqua. Pasta homogénea e bem depurada, com escassos elementos não plásticos de pequena dimensão. Cor cinzenta (Muns. 5YR 5/1). Superfície externa alisada, com acabamento polido e da cor da pasta.

3.10. OBJETOS DE PASTA VÍTREA E DE ROCHA ORNAMENTAL

Desde o pioneiro trabalho de A. I. Marques da Costa em 1910, ficou identificada a presença de um conjunto de peças de vidro com alguma relevância, nomeadamente contas e fragmento de um recipiente.

Revelando os seus amplos contactos com o estado da arte e da ciência arqueológica da época, Marques da Costa cita paralelos para os seus vidros nos sítios de Santa Olaia e Crastro (Figueira da Foz), escavados por Santos Rocha, assim como os sítios de Fonte Velha de Bensafrim (Lagos) e dos Comoros de Portella (São Bartolomeu de Messines), escavados por Estácio da Veiga. A par destes paralelos discorre sobre a história do vidro e da sua introdução no extremo

ocidente por influência “egypto-phenicia”. É nesse âmbito e como curiosidade que revela que contas de vidro têm igualmente sido encontradas a ornamentar as paredes de nichos e capelas, apresentando como exemplos os conventos de Chelas e Marvila em Lisboa, e o convento de Brancannes em Setúbal. Refere ainda que na Quinta dos Meses, contígua à cerca do mencionado convento de Setúbal, existia uma fonte e capela, “[...] cujas paredes estavam cobertas de cacos de louça da China e de muitas e variadas contas das espécies descritas por E. da Veiga.” (Costa 1910: 69). Afirmando ainda que “O actual proprietário da quinta mandou fazer algumas reparações na dita capella, e por essa ocasião obtive d’elle varias espécies de contas, que represento na fig. 511a” (Costa 1910: 69). Se nos detemos de forma tão circunstanciada na análise desta referência é porque dela tem resultado um equívoco arqueológico. De facto, no artigo de Marques da Costa de 1910 que temos vindo a seguir surge a impactante imagem de um colar composto por peças de vidro quer tubulares, quer ovoides (a já mencionada Fig. 511^a). A sua originalidade e disposição fazem lembrar as imagens dos célebres colares compostos por Heinrich Schliemann, decorrentes das escavações que realizou na colina de Hissarlik, a putativa Tróia homérica. Trabalhos, diga-se, que Marques da Costa menciona precisamente a propósito dos vidros de Chibanes. Contudo, temos de sublinhar que o colar construído e publicado por Marques da Costa inclui contas recolhidas não em Chibanes, mas na fonte da mencionada Quinta dos Meses em Setúbal, datadas da Época Moderna.

Esta questão é assaz pertinente, porque na coleção de Marques da Costa deparámo-nos com algumas peças que se apresentavam de difícil enquadramento. De facto, as contas tubulares de cor azul inventariadas como CHIB 985.56.525, CHIB 985.56.528, CHIB 985.56.526, CHIB 985.56.525, a última torcida sobre o seu próprio eixo, bem como a pequena conta CHIB 985.56.525 de cor azul com linhas a branco e vermelho não se integram no âmbito cronológico de Chibanes, pelo que aqui não se encontram ilustradas. Embora se tenha assinalado a presença de contas tubulares em contextos pré-romanos no território peninsular (Ruano Ruiz 1996), a sua tipologia difere da das contas atrás referidas. Pelo contrário, as contas da coleção Marques da Costa citadas possuem semelhanças bem atestadas em contextos da Época Moderna, séculos XVI-XVII, em particular em sítios recentemente escavados na área urbana de Lisboa, com proveniência mediterrânica possivelmente da área de Veneza (Rodrigues

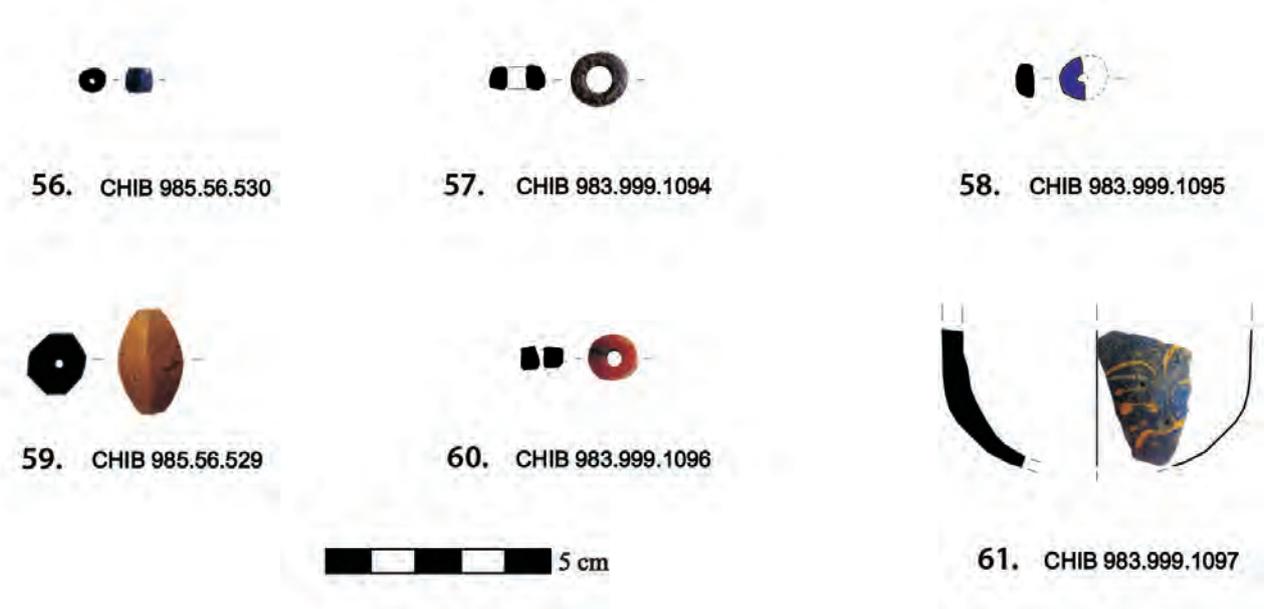


Fig. 10 - Objectos de pasta vítrea e de rocha ornamental (n.º 56 a 61).

1999). Face a esta análise e revendo a fotografia da publicação de inícios do século XX de Marques da Costa, parece-nos que o espólio vítreo recolhido em Chibanes, se terá misturado com as peças oriundas dos embrechados da Quinta dos Meses, quando da integração da coleção no acervo do Museu Nacional de Arqueologia. Temos felizmente a informação do autor que nos indica quais os materiais recolhidos na escavação de Chibanes, os quais se preservam no conjunto em análise: duas contas completas e um fragmento de outra de pasta vítrea azul (CHIB 985.56.530; CHIB 983.56.1094; CHIB 983.999.1095 – fig. 10, n.ºs 56 a 58) e um fragmento de recipiente em pasta vítrea azul com filetes amarelos, verdes e brancos (CHIB 983.999.1097 – fig. 10, n.º 61).

Este tipo de contas encontra-se bem documentado no território peninsular (Ruano Ruiz 2000), nomeadamente no numeroso conjunto de Cabeça de Vaiamonte (Fabião 2001) ou no Porto do Sabugueiro, onde foi mesmo proposta a sua produção local (Arruda *et al.* 2016). Em termos de cronologia estas contas encontram-se bem atestadas quer em contextos pré-romanos, em particular da segunda metade do primeiro milénio a.C., mas encontram-se igualmente presentes em contextos romano-republicanos dos séculos II e I a.C.; para uma revisão da sua dispersão e da problemática inerente às suas cronologias veja-se o recente trabalho sobre as peças do baixo-Tejo (Arruda *et al.* 2016).

Entre as contas de Chibanes, encontramos ainda uma discoidal, CHIB 983.999.1096 (fig. 10, n.º 60) e

outra elipsoidal, de cornalina, CHIB 985.56.529 (fig. 10, n.º 59), provavelmente pertencentes à ocupação da Idade do Ferro. Não deixa de ser pertinente assinalar que em sítios sidéricos de cronologia tardia, séculos III e II a.C., tais como Garvão ou Castrejón de Capote (Higuera La Real, Badajoz), as contas de cornalina se encontram bem representadas chegando a suplantar as de vidro (Beirão *et al.* 1985, Berrocal Rangel 1994).

Quanto ao fragmento de bojo de recipiente de pasta vítrea azul (CHIB 983.999.1097 – fig.10, n.º 61), para além de ter sido publicado no artigo de A.I. Marques da Costa (1910: fig. 513), foi posteriormente associado ao grupo *Mediterráneo I* de Harden (Jiménez Ávila 2000: 143, Mapa 1). Este fragmento de recipiente de pasta vítrea (Harden 1981), que apresenta um perfil eminentemente globular, poderá pertencer a um aríbalo ou anforisco (?), cuja cronologia se estende dos finais do século VI a inícios do século IV a.C.. Segundo Javier Jiménez Ávila estes objetos surgem maioritariamente em contextos funerários ibéricos no Sudeste peninsular, Alta Andaluzia e Extremadura (Cancho Roano) (Jiménez Ávila 2003); no Sudoeste peninsular são menos frequentes e surgem associados maioritariamente a âmbitos costeiros num período avançado do século IV a.C. (López Rosendo 2005: 674). O mesmo tipo de vidro policromo, mas com um motivo zigzagueante surgiu por exemplo em Cabeça de Vaiamonte (Fabião 2001: 211, fig.11), Almeirim, Sines, Neves Corvo e Garvão (*apud in* Almagro Gorbea - Alonso Cereza 2009: 45, fig. 12).

Catálogo

56 - CHIB 985.56.530 – Conta monocroma de pasta vítrea de perfil esférico. Cor azul cobalto (Muns. 7.5PB 3/12). Diâmetro de 0,6cm. Orifício de perfil cilíndrico e transversal à peça.

57 - CHIB 983.999.1094 – Conta monocroma de pasta vítrea de perfil anular. Cor azul cobalto (Muns. 7.5PB 3/12). Diâmetro de 1,2cm e altura de 0,45cm. Orifício de perfil cilíndrico e transversal à peça.

58 - CHIB 983.999.1095 – Fragmento de conta monocroma de pasta vítrea de perfil esférico. Cor azul cobalto (Muns. 7.5PB 3/12). Diâmetro de 1cm e altura de 0,7cm. Orifício ovalado de perfil cilíndrico e transversal à peça.

59 - CHIB 983.999.1096 – Conta de cornalina de perfil anular. Cor alaranjada (Muns. 7.5R 4/14). Diâmetro de 1cm e altura de 0,5cm. Orifício de perfil bitroncocónico transversal à peça.

60 - CHIB 983.999.1096 – Conta de cornalina de perfil ovalado e secção octogonal multifacetada. Cor alaranjada (Muns. 5YR 5/10). Diâmetro de 1,4cm e altura de 2,2cm. Orifício de perfil cilíndrico transversal à peça.

61 - CHIB 983.999.1097 – Fragmento de bojo de recipiente de pasta vítrea de cor azul cobalto (Muns. 5YR 4/2) com filetes a amarelo, branco e verde.

3.11. ARTEFACTOS METÁLICOS

Apesar de não se tratar de um conjunto muito vasto, os artefactos metálicos da coleção Marques da Costa apresentam uma significativa variedade de categorias artefactuais. Importa ressaltar que para este trabalho não foram consideradas as peças que não abrangem os períodos cronológicos aqui focados, nomeadamente as que datam do Calcolítico e que já foram alvo de publicação por Júlio Roque Carreira (1998).

As armas, que caracterizam a ocupação militar do período romano-republicano, encontram-se representadas por um fragmento distal espessado de *pilum* de ferro (CHIB 983.1000.8 – fig. 11, n.º 62) e um conto de ferro de perfil piramidal e de alvado de secção circular (CHIB 983.999.60 – fig. 11, n.º 63). Quanto à extremidade distal de *pilum*, e apesar de não se ter conservado a extremidade proximal que nos permitiria distinguir se este se trataria de um *pilum* ligeiro ou pesado de aba, sabemos que os dois tipos se encontram documentados no século II a.C. nos acampamentos numantinos (Bishop - Coulston 1993: 51, fig. 21, 1 e 6), em Cáceres el Viejo (Ulbert 1984: Taf. 24, n.º 187-194), no primeiro terço do século I a.C. em La Caridad de Caminreal (Álvarez Arza - Cubero Argente 1999: 137), nos contextos das

guerras sertorianas em *Valentia* (Quesada 2008: 14), nas guerras cesarianas em *Urso* (*ibidem*: fig.4) e em um contexto genérico do século I a.C. em Alto dos Cacos (Pimenta - Mendes - Henriques 2014: 278-279, fig. 22). O conto de lança de ferro, que serviria de contrapeso daquela arma hasteada, e que teria também ele uma função ativa no combate “corpo a corpo”, caracteriza-se pelo seu aspeto piramidal e de secção maciça quadrangular enquadrável no tipo C.II (Pereira 2018), que encontra paralelo em alguns exemplares de Cáceres el Viejo (Bishop - Coulston 1993: 52, fig. 22, n.º10).

Para além do armamento há ainda a referir um braço de algemas (*manicae*)/ grilhão de ferro de tipo 1 (Pereira 2014: 334), caracterizado pela argola móvel constituída por dois braços sujeitos por rebite (CHIB 983.999.31 – fig. 11, n.º 64). Apesar de não podermos afastar a hipótese de algumas destas peças terem servido como grilhões para animais, muitas poderão ser associadas a uma ação militar, sendo relativamente comuns em contextos dos finais do século II - inícios do século I a.C. como: Renieblas (Numância), onde a sua função é associada aos prisioneiros de guerra (Luik 2002: 103 e 237, Abb. 202, n.º 312-313); Cabeça de Vaiamonte (Monforte) onde foram recuperados vários fragmentos associados a correntes de ferro (Pereira 2014, 2018) e Conímbriga (Alarcão *et al.* 1979: Pl.XLVII, 175) – um fragmento.

Os objetos de uso pessoal, relacionados com práticas de higiene, estão representados apenas através de um exemplar de pinça depilatória de liga de cobre, de hastes curvas e secção lenticular (CHIB 983.999.8 – fig. 11, n.º 65), que encontra exemplares semelhantes por entre o espólio de Cabeça de Vaiamonte (Pereira 2018).

Os objetos de adorno dizem respeito exclusivamente a um conjunto de sete fragmentos de fíbulas, das quais, seis são de liga de cobre e apenas um, de ferro, que provavelmente representa o tipo mais antigo, uma vez que se trata de uma fíbula anular hispânica de aro fechado e fuzilhão livre (CHIB 983.999.30 - fig. 11, n.º 66). As fíbulas de ferro do tipo Ponte 13a/Cuadrado 4a são referidas por Cuadrado Díaz como sendo “frequentemente em La Osera, La Mercadera, Las Cogotas[...], eram usadas pelas gentes de menores recursos económicos” (*apud in* Ponte 2006: 238), encontrando paralelo em um exemplar de mola de charneira associado a um contexto datado dos séculos V-IV a.C. do Castelo de Castro Marim (Pereira 2008: 67, n.º 70). Estas fíbulas de tipo anular hispânico, apesar de serem geralmente associadas a contextos sidéricos, mantêm-se em uso

entre os séculos III e I a.C. (Lorrio - Sánchez de Prado - Camacho 2013: 319). Já as fíbulas de liga de cobre correspondem maioritariamente aos esquemas mais tardios do período de La Tène Médio (LTM – LTII) – com dois exemplares de tipo Ponte 36a-b/ “pseudo”, um exemplar pertencente ao Grupo IV de Cabré e Morán (1982), que apresenta o apêndice caudal em meio-balaústre (CHIB 983.999.28 – fig. 11, n.º 67), e outro de apêndice caudal em “torre” do tipo 8.A.2 de Argente Oliver (1990, p. 256) (CHIB 983.999.22 – fig. 11, n.º 68). Neste conjunto surgem ainda um fragmento de arco alteado e decorado com incisões (CHIB 20646 – fig. 11, n.º 69), bem como uma mola bilateral desenvolvida com fuzilhão (CHIB 983.999.5 – fig. 11, n.º 70) que também deveriam pertencer a uma fíbula do esquema do período de La Tène Médio.

As fíbulas de tipo Ponte 36a-b/ “pseudo” La Tène II (CHIB 983.999.9, 34 e 35 - fig. 11, n.os 71 a 73) encontram-se genericamente datadas de meados do século II e atingem o século I a.C., encontrando paralelo em outros sítios com ocupação do período romano-republicano como Miróbriga (Ponte 1979: Est. I - n.º 6), Castrejón de Capote (Berrocal-Rangel 1992: 138), Cabeça de Vaiamonte (Pereira 2018) ou Mesas do Castelhinho (Miguez 2010). A fíbula de apêndice caudal em meio-balaústre que se encontra fundido ao arco, possui paralelos em Numância, Las Cogotas, Langa del Duero, Muela de Taracena ou El Llano de la Horca (González Zamora 1999: 270 nº 361-383). Este tipo tem uma cronologia entre inícios do século III a.C. e os finais do século I a.C. (Cabré - Morán 1982: 19).

Já as fíbulas de apêndice caudal em “torre” são geralmente associadas à cultura celtibérica, distribuindo-se essencialmente pela Meseta Norte (Labeaga Mendiola 2006: 185), ocorrendo nomeadamente em Numância e La Custodia Viana (Navarra) (*idem* 1993). A cronologia apontada para estas fíbulas está centrada entre os finais do século V (para os esquemas iniciais de La Tène) e os finais do século I a.C. (Argente Oliver 1990: 256-259).

Uma das categorias aqui melhor representadas concerne a baixela metálica de liga de cobre documentada por: fragmento de remate inferior de asa de copo de tipo *Idria*/ jarro de tipo *Gallarate* ou ânfora de tipo *Agde* (CHIB 983.999.9 - fig. 11, n.º 74); provável bordo interno de *simpulum* horizontal (CHIB 983.999.1 - fig. 11, n.º 76); fragmento de terminal de armela de tipo *Vaiamonte* que poderá pertencer a uma bacia (CHIB 983.999.16 - fig. 11, n.º 75), bem como dois fragmentos de bordo de provável bacia de perfil baixo (CHIB 983.999.21 e 16 – fig. 11, n.º 77 e 78)

e à qual se poderia associar o remate anteriormente referido.

No caso do remate inferior em forma de flor-de-lis (CHIB 983.999.11 – fig. 11, n.º 74), a relativa escassez de exemplares de jarros de tipo *Gallarate* e ânforas de tipo *Agde* em território peninsular levamos a crer que este se tratará, mais provavelmente, de um exemplar de copo de tipo *Idria*, para o qual se conhece uma forte dispersão peninsular, com os achados de: Cabeça de Vaiamonte (três asas), Numância, Cáceres el Viejo (dois exemplares), Azaila, Castrejón de Capote, Priego, El Mercadillo, Villasveijas de Tamuja, Raso de Candeleda, Renieblas, Tarraco, Viana do Castelo (três copos desprovidos de asas), Castro de Sabroso, Monte Mozinho, Conímbriga, Castelo Velho de Santiago do Cacém (*apud in* Fabião 1999, Erice Lacabe 2007: 203), El Llano de La Horca (Azcárraga Cámara *et al.* 2014: 112, Fig. 3.2). Estes copos encontram-se assim geralmente associados a contextos datados entre 120 e 75/50 a.C. (Feugère 1991: 55).

Os *simpula* horizontais encontram-se representados por um bordo interno de *simpulum* (CHIB 983.999.1 – fig. 11, n.º 76) de liga de cobre em forma de aro fechado de secção circular. Estes aros fechados foram recentemente interpretados como bordos internos de *simpula*, depois de ter sido observada a presença deste tipo de aros fechados no interior de recipientes de baixela metálica no conjunto de Cabeça de Vaiamonte (Pereira 2018: 327-328, Est. 128, n.º 3). Esta inserção de uma argola de aro fechado, pesada, no interior do bordo dos *simpula* de pega horizontal poderia assim, segundo esta observação, contribuir para um maior equilíbrio das peças e também como forma de proteção face à fragilidade que estes elementos produzidos em chapa metálica ofereciam (*ibidem*). Quando achados isoladamente, podemos sugerir esta utilização com base no perfil e matéria-prima destes aros fechados que oferecem diâmetros coadunantes com a utilização no bordo interno das conchas destes elementos de baixela.

Há ainda que referir a presença de três elementos (CHIB 983.999.16 e 7 – fig. 11, n.os 75, 78, 79 e 80) que poderão ser passíveis de associação entre eles, uma vez que todos poderão ter pertencido a um mesmo recipiente: uma bacia de perfil baixo e bordo de lábio voltado para o exterior, à qual poderia ser associada a armela de tipo *Vaiamonte* (Pereira 2018). Os dois fragmentos de bordo de lábio pendente, em que um apresenta um diâmetro aproximado de 30 cm, indiciam uma forma aberta, baixa e

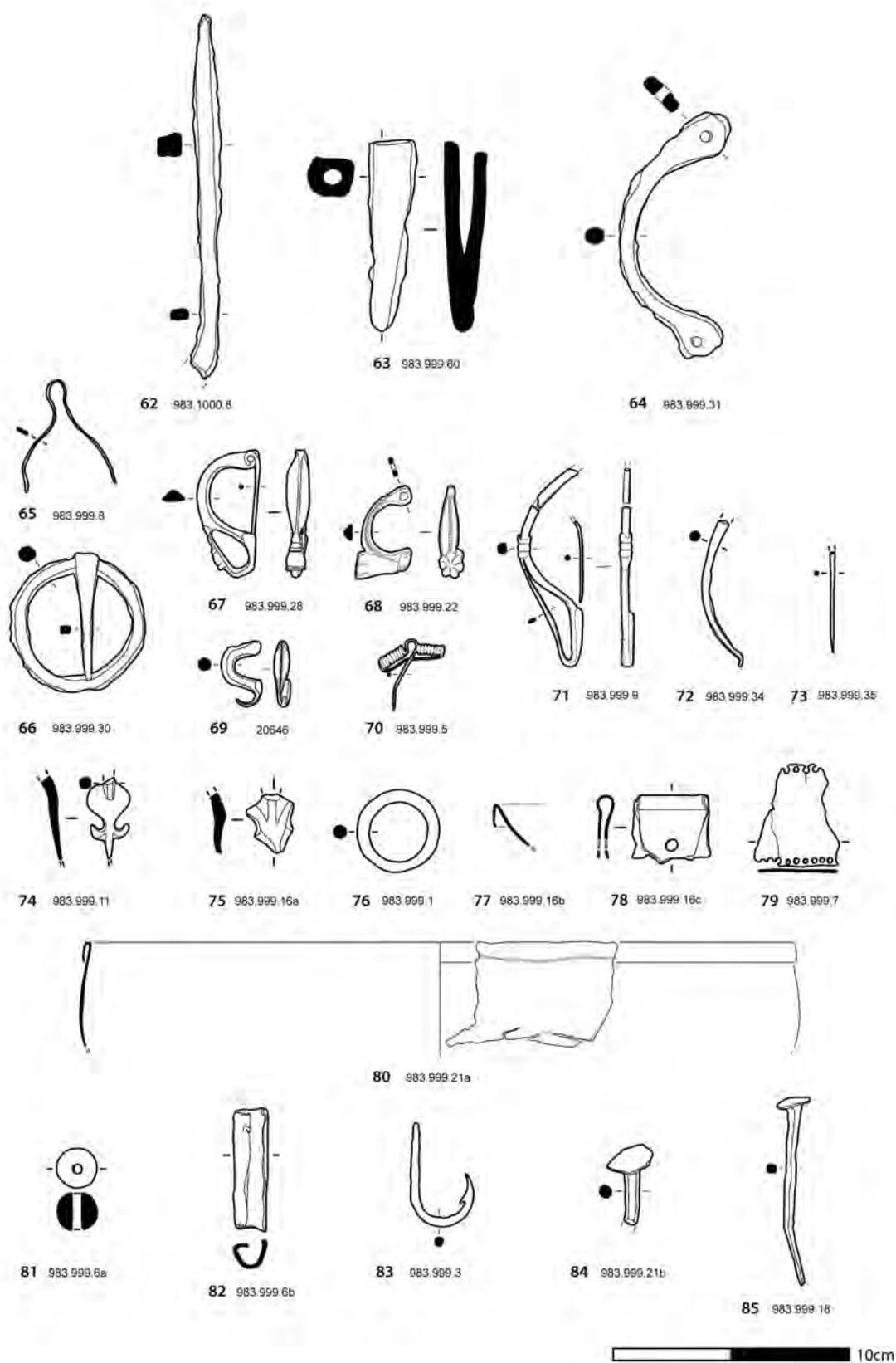


Fig. 11 - Artefactos metálicos: armas e *militaria* (n.ºs 62 a 64), pinça (n.º 65), fíbulas (n.ºs 66 a 73), elementos de baixela metálica de liga de cobre (n.ºs 74 a 80), ponderal (n.º 81), utilitários de pesca (n.ºs 82 e 83) e complementos de artefactos de madeira (n.ºs 84 e 85).

hemisférica, distinta das bacias tardo-republicanas crateriformes, que apresentam um colo estrangulado e uma carena pronunciada (Bolla 1991: 113), e mais aproximado às armelas para asas de bacias de época romana imperial de tipo *Argentomagus* (Boucher 2010: 20-23; Artefacts BAS-4026) ou de tipo *Wehringen* (Artefacts BAS-4003). De qualquer modo, parece-nos que a associação das armelas de asa de tipo *Vaiamonte* (CHIB 983.999.16 – fig. 11, n.º 75) a estas bacias poderá ser uma forte probabilidade que, no entanto, carece de confirmação e que só poderá ser assumida aquando do achado de um exemplar completo, sendo de esperar que para cada recipiente fossem necessárias duas armelas justapostas. Por enquanto, a distribuição dos achados destes remates cinge-se a Cabeça de Vaiamonte (Fabião 1999: 185-187; Pereira 2018), Castelo Velho de Veiros, Chibanes, Mesas do Castelhinho, Citânia de Briteiros, Azores/Priego de Córdoba (*apud in* Fabião 1999: 185) e Monte dos Castelhinhos (Pimenta - Mendes 2013: 81, n.º 93).

Foram ainda identificados três fragmentos de placas de liga de cobre com orifícios para rebites que deveriam pertencer a recipientes de forma indeterminada (CHIB 983.999.7 e 16c - fig. 11, n.º 78 e n.º 79).

Os utilitários de comércio estão representados por um ponderal esférico de liga de cobre que possui um orifício circular transversal à peça (CHIB 983.999.6a - fig. 11, n.º 81). O peso de 19,5gr poderá corresponder ao *ratio* de 2,5 do shekel ligeiro de 7,83gr (peso teórico de 19,5gr) ou ao *ratio* de 2 do shekel tiro-sírio de 9,4gr (peso teórico de 18,8gr). Parece-nos possível afirmar que este ponderal não deverá corresponder ao sistema metrológico romano-republicano, mas sim a um sistema indígena, que, por ausência de outros ponderais recolhidos, não nos permite aferir a qual das unidades referidas poderá pertencer. Efetivamente, “[...] tanto o siclo sírio de 9,4 gr., com raízes no Bronze Final, como o siclo fenício de 7,83 gr., que recuará aos contactos com o litoral na transição para o Período Orientalizante (século VIII a.C.) estão documentados [...]” (Antunes 2017: 916) no Médio e Baixo Guadiana.

Para além da atividade militar e de comércio, apenas a atividade piscatória se encontra documentada pela presença de um anzol de liga de cobre com barbela (CHIB 983.999.3 - fig. 11, n.º 83) e um peso de rede oblongo de chumbo (CHIB 983.999.6b - fig. 11, n.º 82) pertencente à variante 1 que encontra paralelos em Vaiamonte (Pereira 2018), Castellones de Céal (Jaén) (Mayoral 2000: 180, fig. 2) ou em Lattes (França), onde foram datados entre o

século II a.C. e o I d.C. (Feugère 1992: figs. 8 e 9).

Os complementos de peças de madeira são a categoria artefactual melhor representada, à semelhança do que acontece com a maioria dos conjuntos artefactuais metálicos (CHIB 983.999.18 e 21c). Esta superioridade numérica deve-se à necessidade efetiva e frequente, especialmente a partir da Idade do Ferro, da utilização de pregos e cavilhas de ferro e liga de cobre associados às construções arquitetónicas e instrumentos de madeira, bem como à utilização de tachas de liga de cobre associadas a mobiliário e têxteis.

Catálogo

62 - CHIB 983.1000.8 – Fragmento distal de *pilum* ligeiro de ferro. Este fragmento de arma de arremesso com perfil piramidal espessado face à haste, apresenta uniformemente uma secção quadrangular.

63 - CHIB 983.999.60 – Conto de ponta de lança de ferro. Perfil piramidal de média dimensão. Alvado de secção circular.

64 - CHIB 983.999.31 – Braço móvel de algemas/grilhões de ferro. Elemento de perfil semi-circular, de secção circular à exceção das extremidades aplanadas e com orifício circular para rebites e ligação a correntes.

65 - CHIB 983.999.8 – Pinça de liga de cobre de perfil em “oito”. Apresenta secção laminar.

66 - CHIB 983.999.30 – Fíbula de ferro de tipo anular hispânica, tipo Cuadrado 4a/ Ponte 13a. Aro de perfil e secção circular com fuzilhão em fita de secção quadrangular.

67 - CHIB 983.999.28 – Fíbula completa de liga de cobre integrável nos modelos do período de La Tène II-III, Grupo IV de Cabré e Morán obtida a partir de uma única peça. Arco de perfil semi-circular e secção triangular com apêndice caudal infletido em direção ao arco e fundido com o mesmo, que apresenta um perfil abalaustrado e secção semi-circular. Mola de duas espiras.

68 - CHIB 983.999.22 – Arco e apêndice caudal de fíbula de liga de cobre obtida por molde, integrável nos modelos do período de La Tène II-III, tipo 8.A.2 de Argente Oliver. Arco de perfil semi-circular e secção triangular com apêndice caudal em torre infletido em direção ao arco e fundido. Extremidade do arco com orifício circular para receção do eixo e respetiva mola-fuzilhão.

69 - CHIB 20646 – Fragmento de arco e placa de descanso de fíbula de liga de cobre, provavelmente pertencente aos esquemas de La Tène I-II. Arco de perfil alteado e secção circular com decoração de pequenos traços cinzelados transversais e paralelos.

70 - CHIB 983.999.5 – Fragmento de mola-fuzilhão de fíbula de liga de cobre, provavelmente pertencente a uma das fíbulas anteriormente descritas. Mola bilateral desenvolvida com 18 espiras.

71 - CHIB 983.999.9 – Fragmentos de arco, placa

de descanso e abraçadeira de fíbula de liga de cobre do tipo Ponte 36/“pseudo”-La Tène II. Arco de perfil rebaixado de secção circular. Abraçadeira decorada com duas linhas incisadas.

72 - CHIB 983.999.34 – Fragmento de arco de fíbula de liga de cobre do tipo Ponte 36/“pseudo”-La Tène II. Arco de perfil rebaixado de secção circular.

73 - CHIB 983.999.35 – Fragmento de fuzilhão de liga de cobre de secção quadrangular.

74 - CHIB 983.999.11 – Fragmento de liga de cobre de remate inferior de asa de copo de tipo *Idria*/ jarro de tipo *Gallarate* ou ânfora de tipo *Agde* em forma de flor-de-lis.

75 - CHIB 983.999.16a – Fragmento de liga de cobre de remate inferior de armela para asa de possível bacia de tipo *Vaiamonte* de perfil ornitomorfo.

76 - CHIB 983.999.1 – Aro fechado de liga de cobre de possível bordo interno de *simpulum* horizontal de perfil e secção circulares.

77 - CHIB 983.999.21 – Fragmento de bordo e bojo de possível bacia de perfil baixo/ caçarola de liga de cobre. Apresenta um bordo de 30 cm de diâmetro.

78 - CHIB 983.999.16b – Fragmento de bordo e bojo de possível bacia de perfil baixo/ caçarola de liga de cobre. Não é possível determinar o diâmetro do bordo.

79 - CHIB 983.999.16c – Fragmento de placa rebitada que deveria reforçar um recipiente de liga de cobre.

80 - CHIB 983.999.7 – Fragmento de placa rebitada de liga de cobre.

81 - CHIB 983.999.6a – Ponderal esférico de liga de cobre com orifício circular transversal à peça. Peso 19,5gr e diâmetro 17mm.

82 - CHIB 983.999.6b – Peso de rede oblongo de chumbo, integrável na variante 1 de *Vaiamonte*. Apresenta um comprimento máximo de 52mm e um peso de 25,4gr.

83 - CHIB 983.999.3 – Anzol de liga de cobre de média dimensão. Apresenta barbela e estreitamento de secção para empate da linha.

84 - CHIB 983.999.21c – Fragmento de prego de liga de cobre com cabeça de perfil ovalado e haste de secção facetada.

85 - CHIB 983.999.18 – Pregos de liga de cobre com cabeça de perfil ovalado e haste de secção quadrangular.

3.12. NUMISMAS

Da coleção fazem parte dois numismas de bronze, um deles, do reinado de Cláudio (CHIB 20583), referido por A.I. Marques da Costa (Costa 1910), não é incluído neste texto por não se enquadrar no âmbito cronológico do mesmo. O outro exemplar corresponde a um asse ibérico de *Cantnipo (Salácia, Alcácer do Sal) (fig. 12, n.º 86) integrável na Série III, 1a já publicado por A.I. Marques da Costa (1910: 75-76) e por António Marques de Faria (1989: Est. III-10, p. 97).



Fig. 12 - Asse de liga de cobre de Cantnipo* - Alcácer do Sal (n.º 86).

Esta série, com legenda latina, cunhada por *Candnil*, filho de *Siscra*, encontra-se datada, tal como as outras emissões, da 2.ª metade do século II a.C. e primeira metade do século I a.C. (*ibidem*: 94). Encontra paralelo idêntico em Miróbriga (MNA 2006.54.2, *ibidem*: 97, Est. IV, n.º 11) e em outros exemplares contextualizados recolhidos em escavações recentes de Chibanes. Um exemplar pertencente a uma emissão distinta (Série 1, Emissão II), foi também recolhido na escavação do povoado do Pedrão (Soares - Tavares da Silva 1973: 38, fig. 27).

Catálogo

86 - CHIB 2006.62.1 – Asse de liga de cobre. Anverso: Cabeça laureada de Júpiter à esquerda; à frente, legenda latina: CANDNIL.SISCR. F; cercadura de pontos. Reverso: Legenda ibérica KETOUIBON entre dois atuns à direita; cercadura de pontos. Apresenta um peso de 14,9gr e um diâmetro de 13,58mm. Emissão III, 1a.

4. CONCLUSÕES

A coleção de António Inácio Marques da Costa existente no Museu Nacional de Arqueologia mostrou-se incompleta quando comparada com o espólio da Idade do Ferro e romano-republicano publicado por aquele arqueólogo. Atendendo somente à tipologia dos materiais, como se impunha na ausência de informação estratigráfica, tornou-se impossível na maior parte dos casos delimitar fronteiras cronológicas entre a tardia Idade do Ferro de Chibanes e a fase de ocupação romano-republicana, já que muitos dos artefactos de origem sidérica persistem em utilização até meados do século I a.C.

Por outro lado, verifica-se que a coleção

analisada talvez não corresponda a uma amostra aleatória, mas antes tenha sofrido alguma seleção prévia, como é sugerido pela elevada frequência de cerâmica estampilhada, que é rara em Chibanes de acordo com as novas escavações.

As cerâmicas de tipo Kuass e cinzenta, categorias que até agora tinham merecido pouca atenção, encontram-se bem representadas. De salientar a presença de um jarro em cerâmica cinzenta cujo programa decorativo inclui a figuração esquemática de prováveis embarcações.

A revisão do material anfórico foi particularmente exaustiva, revelando a presença de um número mínimo de 10 efetivos, em que domina o tipo Mañá C2b (= T.-7.4.3.2/7.4.3.3 da classificação de Ramon, 1995), em concordância com a informação fornecida pelos resultados das novas escavações promovidas pelo MAEDS, sob a direção de dois dos signatários (J.S. e C.T.S.)

Os artefactos metálicos refletem maioritariamente o carácter militar da ocupação do Período Romano-Republicano, espelhados pelo conjunto de arma, *militaria*, fíbulas inseríveis nos esquemas do Período La Tène Médio e vários fragmentos de baixela metálica de liga de cobre de matriz itálica.

Destacamos, por fim, a presença de fragmento de recipiente (aríbalo ou anforisco?) de pasta vítrea azul decorada por filetes amarelos, verdes e brancos, pela sua marcada génese sidérica (afim do tipo Mediterrâneo I de Harden), atribuível ao século IV a. C., e de um ponderal provavelmente pertencente a sistema metrológico pré-romano.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Museu Nacional de Arqueologia na figura do seu Director António de Carvalho a autorização que concedeu a um dos signatários (J.P.), para o estudo da colecção Marques da Costa, assim como todas as facilidades para o manuseamento dos espólios. De sublinhar o incansável trabalho de Luísa Guerreiro que assegurou a recuperação de muita da informação relativa a este conjunto.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABADE, P. E. A. (2018) - *A cerâmica de paredes finas do Castelo de Castro Marim*. Dissertação de Mestrado em arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://repositorio.ul.pt/>

handle/10451/32376

ALARCÃO, J. de - CARVALHO, P. C. - GONÇALVES, A. (coord.) (2010) - *Castelo da Lousa-Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida (*Studia Lusitana* 5).

ALARCÃO, J. de - ETIENNE, R. - ALARCÃO, A. - PONTE, S. da (1979) - *Fouilles de Conimbriga VII - Trouvailles diverses, conclusions générales*. Paris.

ALMAGRO GORBEA, M. J. - ALONSO CEREZA, E. (2009) - *Vidrios Antiguos del Museo Nacional de Artes Decorativas*. Madrid (*Bibliotheca Archaeologica Hispana* 30).

ÁLVAREZ ARZA, R., CUBERO ARGENTE, M. (1999) - Los Pila de lo poblado ibérico de Castellruf. *Gladius* XIX: 121-142.

ANTUNES, A.S. (2017) - A Azougada (Moura) e o sistema metrológico da Idade do Ferro Pós-Orientalizante do Baixo e Médio Guadiana. In ARNAUD, J. M. - MARTINS, A. (Coords.) - *Arqueologia em Portugal: 2017 - Estado da questão*. Lisboa: 907-928.

ARGENTE OLIVER, J. L. (1990) - Las Fíbulas en las necrópolis celtibéricas. In BURILLO MOZOTA, F. (coord.) - *Necrópolis celtibéricas: II Simposio sobre los celtiberos [Daroca (Zaragoza), 28 a 30 de abril de 1988]*. Zaragoza: 247-266.

ARNAUD, J. M. - GAMITO, T. J. (1974-1977) - Cerâmicas estampilhadas da Idade do Ferro do Sul de Portugal. I - Cabeça de Vaíamonte - Monforte. *O Arqueólogo Português* III 7-9: 165-202.

ARRUDA, A. (1997) - *As cerâmicas Áticas do Castelo de Castro Marim*. Lisboa.

ARRUDA, A. M. (2002) - *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona (*Cuadernos de Arqueología Mediterránea* 5-6).

ARRUDA, A. M. - CARDOSO, J. L. (2013) - A ocupação da Idade do Ferro da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 20: 731-754.

ARRUDA, A. M. - ALMEIDA, R. R. de (1998) - As ânforas da Classe 32 da Alcáçova de Santarém. *Conimbriga* 37: 201-231.

ARRUDA, A. M. - ALMEIDA, R. R. de (1999) - As Importações de Vinho Itálico Para o Território Português. Contextos, Cronologias e Significado. In GORGES, J.-G. - RODRÍGUEZ MARTÍN, F.G. (eds.) - *Économie et territoire em Lusitane romaine: III Table Ronde Sur la Lusitanie Romaine*. Madrid (*Collection de la Casa de Velázquez* 65): 307-337.

ARRUDA, A. M. - PEREIRA, C. - PIMENTA, J. - SOUSA, E. - MENDES, H. - SOARES, R. (2016) - As contas de vidro do Porto do Sabugeiro (Muge, Salvaterra de Magos, Portugal). Glass beads from Porto do Sabugeiro

- (Muge, Salvaterra dos Magos, Portugal). *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología da Universidade Autónoma de Madrid* 42: 79-101.
- ARRUDA, A. M. - SOUSA, E. (2003) - Cerâmica de paredes finas da Alcáçova de Santarém. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 6-1: 235-286.
- ARRUDA, A. M. - VIEGAS, C. - ALMEIDA, M. J. (coord.) (2002) - *De Scallabis a Santarém*. Lisboa.
- AZCÁRRAGA CÁMARA, S. - BAQUEDANO PÉREZ, E. - MÄRTENS ALFARO, G. - CONTRERAS MARTÍNEZ, M. - RUIZ ZAPATERO, G. (2014) - Vajilla bronceada tardorrepública em El Llano de la Horca (Santorcaz, Madrid). *Archivo Español de Arqueología* 87: 109-121.
- BARGÃO, P. (2006) - *As importações anfóricas durante a época romana republicana na Alcáçova de Santarém*. Tese de Mestrado em Pré-história e Arqueologia, Lisboa, Universidade de Lisboa. <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/447>.
- BARGÃO, P. (2017) - *O castro de Segóvia: estudo monográfico de um sítio arqueológico no Alto Alentejo*. Tese de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/28721>
- BATALHA, L. - BARROS, L. (2018) - Alguns elementos novos sobre o Almaraz. *CIRA Arqueologia* 6: 50-69.
- BATS, M. (1993) - Céramique commune italique. In PY, M. (dir.) - *Dictionnaire des céramiques antiques (VIIe s. av. n. è.-VIIe s. de n. è.) en Méditerranée nord-occidentale (Lattara 6)*. Lattes: 117- 131.
- BEIRÃO, C. de M. - GOMES, M. V. (1983) - A necrópole da Idade do Ferro do Galeado (Vila Nova de Mil Fontes). *O Arqueólogo Português* IV-1: 207-266.
- BEIRÃO, C. DE M. - TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - GOMES, M.V. - GOMES, R. (1985) - Depósito votivo da II Idade do Ferro de Garvão. Notícia da primeira campanha de escavações. *O Arqueólogo Português* IV-3: 45-136.
- BEIRÃO, C. M. - GOMES, M. V. - TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - GOMES, R. V. (1987) - Um depósito votivo da II Idade do Ferro no Sul de Portugal e as suas relações com as culturas da Meseta. In GORROCHATAGUI, J. - MELENA, J. L. - SANTOS, J. (eds.) - *Studia Palaeohispanica. Actas del IV Coloquio sobre Lenguas y culturas paleohispánicas*. Vitoria (Veleia 2-3): 207-222.
- BELÉN, M. (2006) - Ánforas de los siglos VI-IV a. C. en Turdetania. *Spal* 15: 217-246.
- BERNAL CASASOLA, D. - LAGÓSTENA BARRIOS, L. (2004) - *Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - II d.C.)* (Cádiz, 2003). Oxford (B.A.R. International Series 1266).
- BERNAL CASASOLA, D. - ARÉVALO GONZÁLEZ, A. - SÁEZ ROMERO, A.M. (2007) - Nuevas evidencias de la ocupación en época republicana. In BERNAL CASASOLA, D. - ARÉVALO GONZÁLEZ, A. (eds.) - *Las cetariae de Baelo Claudia. Avances de las investigaciones arqueológicas en el barrio meridional*. Cádiz: 239-355.
- BERNAL CASASOLA, D. - SÁEZ ROMERO, A. (2008) - Opérculos y ánforas romanas en el Círculo del Estrecho. Precisiones tipológicas, cronológicas y funcionales. In BIEGERT, S. (ed.) - *Rei Cretariae Romanae Acta 4*. Bonn: 455-472.
- BERROCAL RANGEL, L. (1992) - La cultura material. In BERROCAL RANGEL, L. (ed.) - *Los pueblos célticos del suroeste de la Península Ibérica*. Madrid (Complutum Extra 2): 93-165.
- BISHOP, M. C. - COULSTON, J. C. N. (1993) - *Roman Military Equipment. From the Punic Wars to the Fall of Rome*. Londres.
- BOLLA, M. (1991) - Les bassins. In FEUGÈRE, M. - ROLLEY, C. (eds.) - *La vaissele tardo-républicaine en bronze. Actes de la table-ronde CNRS organisée à Lattes du 26 au 28 avril 1990 par l'UPR 290 (Lattes) et le GDR 125 (Dijon)*. Dijon (Centre de recherches sur les techniques gréco-romaines 13): 113-120.
- BOUCHER, T. (2010) - Attaches de suspension de bassin de type Argentomagus. *Instrumentum* 31: 20-23.
- CABRÉ, E. - MORÁN, J. A. (1982) - Ensayo cronológico de las fíbulas con esquema de La Tène en la Meseta Hispánica. *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología* 15: 4-27.
- CAMILI, A. (1997) - Note per una tipologia dei balsamari romani a fondo piatto. *Archivo Español de Arqueología* 70: 125-148.
- CARDOSO, J. L. (1998) - Arqueologia da região meridional da Península de Setúbal. Breve síntese baseada nos principais testemunhos arqueológicos. *Al-Madan* II-7: 23-36.
- CARREIRA, J. R. (1998) - A Ocupação da Pré-história Recente do Alto de Chibanes (Palmela), Setúbal. *Trabalhos de Arqueologia da EAM* 3-4: 123-213.
- CARDOSO, J. L. (2014) - António Inácio Marques da Costa (1857-1933), Setúbal, Tróia e a Arrábida: percursos de um pioneiro dos estudos arqueológicos regionais em Portugal vistos pela correspondência enviada a José Leite de Vasconcelos. *Setúbal Arqueológica* 15: 11-44.
- CARDOSO, J. L. - ARRUDA, A. M. - SOUSA, E. - REGO, M. (2014) - Outorela I e Outorela II, dois pequenos sítios da Idade do Ferro a norte do Estuário do Tejo (concelho de Oeiras). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*

21: 393-428.

CARDOSO, J. L. - CARREIRA, J. R. (1997/1998) - A ocupação de Época Púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos arqueológicos de Oeiras* 7: 189-217.

CARDOSO, G. (2014) - Duas fortificações do final da Idade do Ferro/ início da romanização: São Salvador (Cadaval) e sítio do Castelo (Arruda dos Vinhos). In FABIÃO, C. - PIMENTA, J. (eds.) - *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia: Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira (CIRA *Arqueologia* 3): 200-241.

CLEMENTE CONTE, I. - MAZZUCCO, N. - SOARES, J. (2014) - Instrumentos para siega y procesado de plantas desde el Calcolítico al Bronce antiguo de Chibanes (Palmela, Portugal). *Trabajos de Prehistoria* 71-2: 330-342.

COELHO, M. D. (2014) - A fauna malacológica da ocupação calcolítica do castro de Chibanes. In *II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 15): 181- 200.

COSTA, A. I. M. da (1906) - Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Castro de Chibanes. *O Archeologo Português* XI 1-4: 40-50.

COSTA, A. I. M. da (1908) - Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal. Idade eo-metallica (ou do cobre e broze primitivos). *O Archeologo Português* XIII 7-12: 270-283.

COSTA, A. I. M. da (1910) - Estações pré-históricas dos arredores de Setúbal, Appendice. *O Archeologo Português* XV: 55-83.

DELGADO, M. (1971) - Cerâmica campaniense em Portugal. In *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*. Coimbra, vol. II: 403-420.

DETRY, C. - TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. (2017) - Estudo zooarqueológico da ocupação romana-republicana do Castro de Chibanes (Palmela). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 20: 113-127.

ERICE LACABE, R. (2007) - La vajilla de bronce en Hispania. In FERNÁNDEZ IBÁÑEZ, C. (Ed.) - *Metalistería de la Hispania Romana*. Santander (*Sautuola* XIII): 197-216.

FABIÃO, C. (1998) - O vinho na Lusitânia: reflexões em torno de um problema arqueológico. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 1-1: 169-198.

FABIÃO, C. (1998a) - *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área Céltica do território hoje Português*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa (Policopiado).

FABIÃO, C. (1999) - A propósito do depósito de Moldes, Castelo de Neiva, Viana do Castelo: a baixela

tardo-republicana em bronze no extremo ocidente peninsular. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 2-1: 163-198.

FABIÃO, C. (2001) - Importações de origem mediterrânea no interior do Sudoeste peninsular na segunda metade do I milénio a.C.: materiais de Cabeça de Vaiamonte, Monforte. In TAVARES, A. e TAVARES, M. F. (eds.) - *Os Púnicos no Extremo Ocidente (Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, Universidade Aberta, Outubro de 2000)*. Lisboa: 197-227.

FARIA, A. M. (1989) - A numária de *Cantnipo. *Conimbriga* 28: 71-99.

FERNANDES, F. M. G. (2009) - *As ânforas do tipo B/C de Pellicer no Castelo de Castro Marim*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Policopiado.

FERNANDES, I. C. F. - CARVALHO, A. R. (1996) - Elementos para uma carta arqueológica do período romano no concelho de Palmela. In FILIPE, G. - RAPOSO, J. (eds.) - *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos estuários do Tejo e do Sado*. Lisboa (*Nova Enciclopédia* 54): 111-135.

FEUGÈRE, M. (1985) - *Les fibules en Gaule Méridionale, de la conquête à la fin du Ve s. ap. J.-C.* Paris (*Revue Archeologique de Narbonnaise* Supplément 12.).

GARCÍA VARGAS, E. (1998) - *La producción de ánforas en la bahía de Cádiz en época romana: (siglos II a.C - IV d.C)*. Écija.

GOMES, F. (2016) - *Contactos culturais e discursos identitários na I Idade do Ferro do Sul de Portugal (séculos VIII-V a.n.e.): leituras a partir do registo funerário*. Tese de Doutoramento no ramo de História, na especialidade de Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/25042>

GONZÁLEZ ZAMORA, C. (1999) - *Las fibulas de la Carpetania*. Madrid.

GUERRA, A. (2004) - *Caepiana: Uma reavaliação crítica do problema da sua localização e enquadramento histórico*. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 7-2: 217-235.

HARDEN, D. (1981) - *Catalogue of Greek and Roman Glass in the British Museum I*. Londres.

HUGUET ENGUITA, E. (2013) - 5. El material más usado por los antiguos: la cerámica común y de cocina. In

RIBERA I LACOMBA, A. (coord.) - *Manual de cerámica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Alcalá de Henares/ Madrid: 291-330.

HUGUET ENGUITA, E. - RIBERA I LACOMBA, A. (2013) - Los ungüentarios. In RIBERA I LACOMBA, A. (coord.) - *Manual de cerámica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Alcalá de Henares/ Madrid: 191-197.

- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2000) - Los objetos de vidrio procedentes del yacimiento de Pajares: estudio preliminar. In CELESTINO PÉREZ, S. (ed.) - *El yacimiento Protohistórico de Pajares. Villanueva de la Vera. Cáceres. 1. Las necrópolis y el tesoro áureo*. Badajoz (MARqEx 3): 139-153.
- JIMÉNEZ ÁVILA, J. (2003) - Los objetos de pasta vítrea de Cancho Roano. In CELESTINO PÉREZ, S. (ed.) - *Cancho Roano VIII. Los materiales arqueológicos I*. Badajoz: 261-291.
- LABEAGA MENDIOLA, J. C. (1993) - Las fíbulas de Torrecilla en el poblado de La Custodia, Viana (Navarra). *Cuadernos de arqueología de la Universidad de Navarra* 1: 255-264.
- LABEAGA MENDIOLA, J. C. (2006) - Fíbulas de La Tène en el poblado de la Custodia, Viana (Navarra). *Cuadernos de arqueología de la Universidad de Navarra* 14: 177-198.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (1996a) - *Alfarería romana en la Bahía de Cádiz*. Cádiz.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (1996b) - Explotación del salazón en la Bahía de Cádiz en la Antigüedad: aportación al conocimiento de su evolución a través de la producción de las ánforas Maña C. *Florentia Iliberritana* 7: 141-169.
- LAGÓSTENA BARRIOS, L. (2001) - *La producción de salsas y conservas de pescado en la Hispania Romana II a.C.-VI d.C.* Barcelona (Colección Instrumenta 11).
- LÓPEZ MULLOR, A. (2013) - Las cerámicas de Paredes Finas del final de la República Romana y el período Augusteo-Tiberiano. In RIBERA I LACOMBA, A. (coord.) - *Manual de cerámica romana del mundo Helenístico al Imperio Romano*. Alcalá de Henares/ Madrid: 149-190.
- LÓPEZ ROSENDO, E. (2005) - El perfume en los rituales orientalizantes de la Península Ibérica. In CELESTINO PÉREZ, S. - JIMÉNEZ ÁVILA, J. (eds.) - *El Periodo Orientalizante. Volumen I: Actas del II Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida (Anejos de AEspA XXXV): 669-681.
- LORRIO, A. - SÁNCHEZ DE PRADO, M.^a D. - CAMACHO, P. (2013) - Las fíbulas del oppidum celtibérico de Contrebia Carbica. *Jahrbuch des Römisch-Germanischen Zentralmuseums* 60: 297-354.
- LUIK, M. (2002) - *Die Funde aus den Römischen Lagern um Numantia in Römisch-Germanischen Zentralmuseum*. Mainz.
- MACHADO, J. L. S. (1965) - *Subsídios para a história do Museu Etnológico Português do Dr. Leite de Vasconcelos*. Lisboa (separata de *O Arqueólogo Português* II 5).
- MAIA, M. (1977) - As ânforas neopúnicas do sul de Portugal. In *Actas das III Jornadas Arqueológicas. Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 199-207.
- MATEO CORREDOR, D. (2014) - *El Comercio en Hispania Ulterior durante los siglos II a.C. y II d.C. Tráfico Anfórico y relaciones Mercantiles*. Tese de Doutoramento da Universidade de Alicante. Policopiado.
- MAYET, F. (1975) - *Les céramiques a parois fines dans la Peninsule Ibérique*. Paris.
- MAYORAL HERRERA, V. (2000) - Producción y transformación de alimentos en el poblado ibérico tardío de Castellones de Céal (Hinojares, Jaén). *Saguntum: Papeles del Laboratorio de Arqueología de Valencia* (Ejemplar dedicado a *Ibers. Agricultors, artesans i comerciants. IIIª Reunió sobre Economia en el Món Ibèric* 3): 181-190.
- MONTERO FERNÁNDEZ, A. - MONTERO FERNÁNDEZ, R. - SÁEZ ROMERO, A. - DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. (2004) - Innovaciones, transformaciones y pervivencias. Evolución de la alfarería gadirita durante los siglos III-II a.n.e. In BERNAL CASASOLA, D. - LAGÓSTENA BARRIOS, L. (eds.) - *Figlinae Baeticae. Talleres Alfareros y Producciones Cerámicas en la Bética Romana (ss. II a.C. - II d.C.)* (Cádiz, 2003). Oxford (B.A.R. International Series 1266): 413-426.
- MORAIS, R., 2010 - Cerâmica de paredes finas. In ALARCÃO, J. - CARVALHO, P. C. - GONÇALVES, A. (coords.) - *Castelo da Lousa-Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida (*Studia Lusitana* 5): 153-172.
- MOTA, N. - PIMENTA, J. - SILVA, R. B. da (2014) - Acerca da ocupação romana republicana de Olisipo: os dados da intervenção na Rua do Recolhimento n.ºs 68-70. In FABIÃO, C. - PIMENTA, J. (eds.) - *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira. (*CIRA Arqueologia* 3): 149-177.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, A.M. (2002) - Las ánforas turdetanas del tipo Pellicer-D. Ensayo de clasificación. *Spal* 11: 233-252.
- NIVEAU DE VILLEDARY Y MARIÑAS, A.M. (2003) - *Las cerámicas gaditanas «Tipo Kuass»*. Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica. Cádiz.
- PELLICER CATALÁN, M. (1978) - Tipología y cronología de las ánforas prerromanas del Guadalquivir, según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis* 9: 365-400.
- PERDIGONES MORENO, L. - MUÑOZ VICENTE, A. (1988) - Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta, San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía* 1986: 106-112.
- PEREIRA, T. R. (2008) - *Os artefactos metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana: metalurgia em transição*. Tese de mestrado em Pré-História e Arqueologia apresentada à Faculdade de

Letras da Universidade de Lisboa.

PEREIRA, T. R. (2014) - Entre Sertório e César: as marcas do exército no sítio arqueológico de Cabeça de Vaiamonte (Monforte/ Portugal). In FABIÃO, C. - PIMENTA, J. (eds.) - *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização do Vale do Tejo*. Vila Franca de Xira (*CIRA Arqueologia* 3): 322-342.

PEREIRA, T. R. (2018) - *O papel do exército no processo de romanização: a Cabeça de Vaiamonte (Monforte) como estudo de caso*. Tese de doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

PEREIRA, V. - SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (2017) - Understanding the First Chalcolithic Communities of Estremadura: Zooarchaeology of Castro de Chibanés, Portugal. Preliminary Results. *Papers from the Institute of Archaeology* 27-1: 1-11.

PIMENTA, J. (2005) - *As ânforas Romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia* 41).

PIMENTA, J. (2007) - A Importação de ânforas de preparados piscícolas em Olisipo (séculos II-I a.C.). In ARÉVALO, A. - LAGÓSTENA, L. - BERNAL, D. (eds.) - *CETARIAE 2005: salsas y salazones de pescado en occidente durante la Antigüedad: actas del congreso internacional (Cádiz, 7-9 noviembre de 2005)*. Cádiz: 221-233.

PIMENTA, J. (coord.) (2013) - *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo) Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa / Vila Franca de Xira.

PIMENTA, J. - ARRUDA, A. (2014) - Novos dados para o estudo dos Chões de Alpompe - Santarém. *Estudos Arqueológicos de Oeiras* 21: 375-392.

PIMENTA, J. - CALADO, M. - LEITÃO, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 8: 313-334.

PIMENTA, J. - CALADO, M. - LEITÃO, M. (2013) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. In ARRUDA, A. (ed.) - *Fenícios e Púnicos, por Terra e Mar. (Actas do VI th. Congress of Phoenician and Punic Studies. Lisboa 26 de Setembro a 1 de Outubro de 2005)*. Lisboa: 724-735.

PIMENTA, J. - GASPAS, A. - GOMES, A. - MOTA, N. - MIRANDA, P. (2014) - O estabelecimento romano republicano de Olisipo: estrutura e contextos do Beco do Forno do Castelo, Lote 40 (n.16 20) - Lisboa. In FABIÃO, C. - PIMENTA, J. (eds.) - *Atas do Congresso Internacional de Arqueologia Conquista e Romanização*

do Vale do Tejo. Vila Franca de Xira (*CIRA Arqueologia* 3): 122-148.

PIMENTA, J. - HENRIQUES, E. - MENDES, H. (2012) - *O Acampamento romano de Alto dos Cacos – Almeirim*. Almeirim.

PIMENTA J. - MENDES H. (2008) - Descoberta do povoado pré-romano de Porto Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia* 11-2: 171-194.

PIMENTA J. - MENDES H. (2015) - Casal dos Pegos I e o Povoamento Orientalizante do Rio da Silveira (Vila Franca de Xira). *CIRA Arqueologia* 4: 19-54.

PIMENTA, J. - MENDES, H. - MADEIRA, F. (2009) - O Povoado pré-romano de Castanheira do Ribatejo, Vila Franca de Xira. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 12- 2: 177-208.

PINTO, I.V. - SCHMITT, A. (2010) - Cerâmica Comum. In ALARCÃO, J. - CARVALHO, P. - GONÇALVES, A. (coord.) - *Castelo da Lousa - Intervenções Arqueológicas de 1997 a 2002*. Mérida (*Studia Lusitana* 5): 219-443.

PONTE, S. da (1979) - As fíbulas de Miróbriga. *Setúbal Arqueológica* V: 195-201.

PONTE, S. da (2006) - *Corpus signorum das fíbulas: proto-históricas e romanas de Portugal*. Casal de Cambra.

PY, M. (1993) - "Unguentariums". In *Dictionnaire des Céramiques Antiques en Méditerranée nord-occidentale*. Lattes (*Lattara* 6): 581-584.

QUESADA SANZ, F. (2008) - Armamento romano e ibérico em Urso (Osuna): testimonio de uma época. *Cuadernos de los amigos de los Museos de Osuna* 10: 13-19.

RAMÓN TORRES, J. (1995) - *Las ánforas fenicio-púnicas del Mediterráneo central y occidental*. Barcelona (*Collecció Instrumenta* 2).

RICCI, A. (1985) - Ceramica a pareti sottili. In *Atlante delle Forme Ceramiche*. Roma (2 vols).

RUANO RUIZ, E. (1996) - *Las Cuentas de Vidrio Prerromanas del Museo Arqueológico de Ibiza y Formentera*. Ibiza (*Traballs del Museu Arqueològic D'Eivissa I Formentera*).

RUANO RUIZ, E. (2000) - *Las cuentas de vidrio halladas en España desde la Edad del Bronce hasta el Mundo Romano*. Madrid.

SÁEZ ROMERO, A. M. (2008) - *La producción cerámica en Gadir en época tardopúnica (siglos -III/-I)*. Oxford (*B.A.R International Series* 1812, 2 vols).

SÁEZ ROMERO, A. M. - BERNAL CASASOLA, D. - GARCÍA VARGAS, E. - DÍAZ RODRÍGUEZ, J. J. (2016) - Ramon T-7433 (Costa Bética). *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/ramon-t-7433-baetica-coast>), 10 julio, 2016. (Consulta 21-07-2017).

- SOARES, J. (2003) - *Os hipogeus pré-históricos da Quinta do Anjo (Palmela) e as economias do simbólico*. Setúbal.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (1973) - Ocupação do período Proto-Romano do povoado do Pedrão (Setúbal). In *Actas das II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*. Lisboa: 245-305.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (1979) - Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica V*: 159-194.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (1984) - Le Groupe de Palmela dans le cadre de la céramique campaniforme au Portugal. In GUILAINE, J. (ed.) - *L'Age du Cuivre Européen. Civilisations a Vases Campaniformes*. Toulouse: 209-220.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (1986) - Ocupação pré-romana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. In *Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana, Setúbal, 1985*. Lisboa (*Trabalhos de Arqueologia 3*): 87-101.
- SOARES, J. - TAVARES DA SILVA, C. (2014) - O projecto de Investigação Arqueológica "CIB" e a campanha de escavações Chibanes/2012. *Musa. Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios 4*: 75-98.
- SORIA, V. (2018) - *La ceramica a vernice nera italica e le imitazioni a impasto grigio in Portogallo tra il II e il I secolo a.C.: una prospettiva di studio*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- SOUSA, E. (2009) - *A cerâmica de Tipo Kuass no Algarve*. Lisboa (*Cadernos da Uniarq 4*).
- SOUSA, E. (2010) - The use of "Kouass ware" during the republican period in Algarve (Portugal). In BIEGERT, S. - *Rei Cretariae Romanae Acta 4*. Bonn: 523-528.
- SOUSA, E. (2014) - *A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo*. Lisboa (*Estudos e Memórias 7*).
- SOUSA, E. (2016a) - From Greek to Roman Pottery in the Far West. In JAPP, S. - KÖGLER, P. (eds.) - *Traditions and Innovations. Tracking the Development of Pottery from the Late Classical to the Early Imperial Periods*. Viena: 17-28.
- SOUSA, E. - ARRUDA, A. (2013) - A cerâmica de tipo Kuass de Monte Molião (Lagos). In ARNAUD, J. - MARTINS, A. - NEVES, C. (eds.) - *Arqueologia em Portugal - 150 Anos*. Lisboa: 651-659.
- SOUSA, E. - ARRUDA, A. (2014a) - Italics and Hispanics in Southwest Iberia in the Dawn of the Roman-Republican period: the common ware of Monte Molião (Lagos, Portugal). In BIEGERT, S. (ed.) - *Rei Cretariae Romanae Acta 4*. Bonn: 663-670.
- SOUSA, E. - ARRUDA, A. (2014b) - A cerâmica comum romano-republicana de Monte Molião (Lagos). *Onuba 2*: 55-90.
- SOUSA, E. - ARRUDA, A. (2018) - A cerâmica de paredes finas de Monte Molião (Lagos, Portugal). *CuPAUAM 44*: 201-226.
- SOUSA, E. - ARRUDA, A. (2018a) - Ceramic Unguentaria from Scallabis (Santarém, Portugal). In BERNAL CASASOLA, D. - CVJETICANIN, T. - DUGGAN, M. - KENRICK, P.M. - MENCHELLI, S. - MEYER-FREULER, C. - SLANE K.W. (eds.) - *Rei Cretariae Romanae Fautorum Acta 45*. Bona: 47-53.
- SOUSA, E. - PIMENTA, J. (2014) - A produção de ânforas no estuário do Tejo durante a Idade do Ferro. In MORAIS, R. - FERNÁNDEZ, A. - SOUSA, M. J. (eds.), - *As Produções Cerâmicas de Imitação na Hispânia. Monografias Ex Officina Hispana II*. Porto, vol. 1: 303-315.
- SOUSA, E. - PIMENTA, J. (2017) - Produções Cerâmicas de Inspiração Grega no Vale do Baixo Tejo. In ARNAUD, J. M. - MARTINS, A. (eds.) - *Arqueologia Em Portugal. 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: 887-895.
- TAVARES DA SILVA, C. (1978) - Ocupação da II Idade do Ferro da Pedra da Atalaia (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica IV*: 117- 132.
- TAVARES DA SILVA, C. (2011) - No Baixo Sado: Da presença Fenícia à Imperatoria Salacia. In CARDOSO, J. L. - ALMAGRO-GORBEA, M. (eds.) - *Lucius Cornelius Bocchus. Escritor Lusitano da Idade da Prata da Literatura Latina*. Lisboa-Madrid: 57-71.
- TAVARES DA SILVA, C. (2017) - Entre os Estuários do Tejo e do Sado na 2.^a Metade Do III Milénio Bc: O Fenómeno Campaniforme. In GONÇALVES, V. S. (ed.) - *Sinos e Taças. Junto ao Oceano e Mais Longe. Aspectos da Presença Campaniforme na Península Ibérica*. Lisboa (*Estudos & Memórias 10*): 142-157.
- TAVARES DA SILVA C. - SOARES, J. (1986) - *Arqueologia da Arrábida*. Lisboa.
- TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. (1997) - Chibanes revisitado: primeiros resultados da campanha de escavações de 1996. *Estudos Orientais VI (Homenagem ao Professor António Augusto Tavares)*: 33-66.
- TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. (2012) - Castro de Chibanes (Palmela). Do III milénio ao século I a.C. In FERNANDES, I.C. - SANTOS, M.T. (eds.) - *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: 67-87.
- TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. (2014) - O Castro de Chibanes (Palmela) e o tempo social do III milénio BC na Estremadura. In TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. (dir.) - *II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica 15*): 105-172.

TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. - BEIRÃO, C. de M.
- DIAS, L. F. - SOARES, A. C. (1980-1981) - Escavações
arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha
de 1979). *Setúbal Arqueológica* 6-7: 149-218.

TCHERNIA, A. (1986) - *Le Vin de l'Italie Romaine. Essai
d'Histoire Economique d'Aprés les Amphores*. Paris.

TERESO, J. P. (2014) - Vestígios arqueobotânicos do
III milénio cal BC de Chibanes (Palmela, Setúbal). In
TAVARES DA SILVA, C. - SOARES, J. (dir.) - *II Encontro de
Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques
da Costa*. Setúbal (*Setúbal Arqueológica* 15): 173-180.

TRINDADE, L.; DIOGO, A.M. (1998) - Ânforas Romanas
provenientes do Castro de Chibanes. *Al-Madan* II-7:
172-173.

ULBERT, G. (1984) - *Cáceres el Viejo. Ein
spätrepublikanisches Legionlâger in Spanisch-
Extremadura*. Mainz am Rhein (*Madriider Beiträge* 11).

OPHIUSSA

POLÍTICA EDITORIAL

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa foi iniciada em 1996, tendo sido editado o volume 0. A partir do volume 1 (2017) é uma edição impressa e digital da UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

O principal objectivo desta revista é a publicação e divulgação de trabalhos com manifesto interesse, qualidade e rigor científico sobre temas de Pré-História e Arqueologia, sobretudo do território europeu e da bacia do Mediterrâneo.

A *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa publicará um volume anual. A partir de 2018, os artigos submetidos serão sujeitos a um processo de avaliação por parte de revisores externos (*peer review*). O período de submissão de trabalhos decorrerá sempre no primeiro trimestre e a edição ocorrerá no último trimestre de cada ano.

A revista divide-se em duas secções: artigos científicos e recensões bibliográficas. Excepcionalmente poderão ser aceites textos de carácter introdutório, no âmbito de homenagens ou divulgações específicas, que não serão submetidos à avaliação por pares. Isentas desta avaliação estão também as recensões bibliográficas.

Todas as submissões serão avaliadas, em primeira instância, pela Coordenação Editorial, no que respeita ao seu conteúdo formal e à sua adequação face à política editorial e às normas de edição da revista. Os trabalhos que cumprirem estes requisitos serão posteriormente submetidos a um processo de avaliação por pares cega / *blind peer review* (mínimo de dois revisores). O Conselho Científico, constituído pela direcção da UNIARQ e por investigadores externos, acompanhará o processo de edição.

Esta etapa será concretizada por investigadores externos qualificados, sendo os respectivos pareceres entregues num período não superior a três meses. Os revisores procederão à avaliação de forma objectiva, tendo em vista a qualidade do conteúdo da revista; as suas críticas, sugestões e comentários serão, na medida do possível, construtivos, respeitando as capacidades intelectuais do(s) autor(es). Após a recepção dos pareceres, o(s) autor(es) tem um prazo máximo de um mês para proceder às alterações oportunas e reenviar o trabalho.

A aceitação ou recusa de artigos terá como únicos factores de ponderação a sua originalidade e qualidade científica. O processo de revisão é confidencial, estando assegurado o anonimato dos avaliadores e dos autores dos trabalhos, neste último caso até à data da sua publicação.

Os trabalhos só serão aceites para publicação a partir do momento em que se conclua o processo da revisão por pares. Os textos que não forem aceites serão devolvidos aos seus autores. O conteúdo dos trabalhos é da inteira responsabilidade do(s) autor(es) e não expressa a posição ou opinião do Conselho Científico ou da Coordenação Editorial. A Revista *Ophiussa* segue as orientações estabelecidas pelo Committee on Publication Ethics (COPE, Comité de Ética em Publicações): <https://publicationethics.org/>

O processo editorial decorrerá de forma objectiva, imparcial e anónima. Erros ou problemas detetados após a publicação serão investigados e, se comprovados, haverá lugar à publicação de correções, retratações e/ou respostas. As colaborações submetidas para publicação devem ser inéditas. As propostas de artigo não podem incluir qualquer problema de falsificação ou de plágio. Para efeito de detecção de plágio será utilizada a plataforma URKUNDU.

As ilustrações que não sejam do(s) autor(es) devem indicar a sua procedência. O Conselho Científico e a Coordenação Editorial assumem que os autores solicitaram e receberam autorização para a reprodução dessas ilustrações, e, como tal, rejeitam a responsabilidade do uso não autorizado das ilustrações e das consequências legais por infracção de direitos de propriedade intelectual.

É assumido que todos os Autores fizeram uma contribuição relevante para a pesquisa reportada e concordam com o manuscrito submetido. Os Autores devem declarar de forma clara eventuais conflitos de interesse. As colaborações submetidas que, direta ou indiretamente, tiveram o apoio económico de terceiros, devem claramente declarar essas fontes de financiamento.

Os textos propostos para publicação devem ser inéditos e não deverão ter sido submetidos a qualquer outra revista ou edição electrónica. Aceitam-se trabalhos redigidos em português, inglês, espanhol, italiano e francês.

Esta edição disponibiliza de imediato e gratuitamente a totalidade dos seus conteúdos, em acesso aberto, de forma a promover, globalmente, a circulação e intercâmbio dos resultados da investigação científica e do conhecimento.

A publicação de textos na *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa não implica o pagamento de qualquer taxa nem dá direito a qualquer remuneração económica.

Esta publicação dispõe de uma versão impressa, a preto e branco, com uma tiragem limitada, que será distribuída gratuitamente pelas bibliotecas e instituições mais relevantes internacionalmente, e intercambiada com publicações periódicas da mesma especialidade, que serão integradas na Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Conta, paralelamente, com uma versão digital, a cores, disponibilizada no endereço www.ophiussa.letras.ulisboa.pt, onde se pode consultar a totalidade da edição.

Para mais informações: ophiussa@letras.ulisboa.pt

OPHIUSSA

EDITORIAL POLICY

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa started in 1996, with the edition of volume 0. From 2017, this journal is a printed and digital edition of UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

The main objective of this journal is the publication and dissemination of papers of interest, quality and scientific rigor concerning Prehistory and Archeology, mostly from Europe and the Mediterranean basin.

Ophiussa – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa will publish an annual volume. From 2018, submitted articles will be subject to a peer-review evaluation process. The submission period will always occur in the first quarter of each year and the edition will occur in the last quarter.

The journal is divided into two sections: scientific articles and bibliographic reviews. Exceptionally, texts of an introductory nature may be accepted, in the context of specific tributes or divulgations, which will not be submitted to peer-review evaluation. Exemptions from this evaluation are also the bibliographic reviews.

All submissions will be considered, in the first instance, by the Editorial Board, regarding its formal content and adequacy in face of the editorial policy and the journal's editing standards. Papers that meet these requirements will subsequently be submitted to a blind peer-review process (minimum of two reviewers). The Scientific Council, constituted by the directors of UNIARQ and external researchers, will follow the editing process.

This stage will be carried out by qualified external researchers, and their feedback will be delivered within a period of no more than two months. The reviewers will carry out the evaluation in an objective manner, in view of the quality and content of the journal; their criticisms, suggestions and comments will be, as far as possible, constructive, respecting the intellectual abilities of the author (s). After receiving the feedback, the author(s) has a maximum period of one month to make the necessary changes and resubmit the work.

Acceptance or refusal of articles will have as sole factors of consideration their originality and scientific quality.

The review process is confidential, with the anonymity of the evaluators and authors of the works being ensured, in the latter case up to the date of its publication.

Papers will only be accepted for publication as soon as the peer review process is completed. Texts that are not accepted will be returned to their authors. The content of the works is entirely the responsibility of the author(s) and does not express the position or opinion of the Scientific Council or Editorial Board.

The Journal *Ophiussa* follows the guidelines established by the Committee on Publication Ethics (COPE, the Ethics Committee Publications): <https://publicationethics.org/>

The editorial process will be conducted objectively, impartially and anonymously. Errors or problems detected after publication will be investigated and, if proven, corrections, retractions and / or responses will be published. Contributions submitted for publication must be unpublished. Article submissions can not include any problem of forgery or plagiarism. In order to detect plagiarism, the URKUNDU platform will be used.

Illustrations that are not from the author(s) must indicate their origin. The Scientific Council and Editorial Board assume that the authors have requested and received permission to reproduce these illustrations and, as such, reject the responsibility for the unauthorized use of the illustrations and legal consequences for infringement of intellectual property rights.

It is assumed that all Authors have made a relevant contribution to the reported research and agree with the manuscript submitted. Authors must clearly state any conflicts of interest. Collaborations submitted that directly or indirectly had the financial support of third parties must clearly state these sources of funding.

Texts proposed for publication must be unpublished and should not have been submitted to any other journal or electronic edition. Works written in Portuguese, English, Spanish, Italian and French are accepted.

The publication of texts in *Ophiussa* – Revista do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa does not imply the payment of any fee nor does it entitle to any economic remuneration.

This edition immediately and freely provides all of its content, in open access, in order to promote global circulation and exchange of scientific research and knowledge.

This publication has a limited printed edition in black and white, which will be distributed free of charge by the most relevant international libraries and institutions, and exchanged with periodicals of the same specialty, which will be integrated in the Library of Faculdade de Letras of Universidade de Lisboa. It also has a digital version, in color, available at address <http://ophiussa.letras.ulisboa.pt>, where one can consult the entire edition.

For more information contact: ophiussa@letras.ulisboa.pt

ÍNDICE

CÉSAR NEVES - O Neolítico Médio em Portugal: percurso de investigação	5
SEBASTIÁN CELESTINO PÉREZ - ESTHER RODRÍGUEZ GONZÁLEZ - El santuario de Cancho Roano C: un espacio consagrado a Baal y Astarté	27
JOÃO PIMENTA - CARLOS TAVARES DA SILVA - JOAQUINA SOARES - TERESA RITA PEREIRA - Revisitando o espólio das escavações de A. I. Marques da Costa em Chibanes: os dados proto-históricos e romano-republicanos	45
GIL VILARINHO - A terra sigillata do Castro de Romariz (Santa Maria da Feira, Aveiro): da romanização ao abandono de um povoado fortificado no Noroeste Peninsular	81
ANA MARGARIDA ARRUDA - Ânforas da Quinta do Lago (Loulé, Portugal): as importações	93
FILIPA ARAÚJO DOS SANTOS - Estudos sobre a cerâmica comum da Oficina de Salga 1 de Tróia (Grândola, Portugal): contextos da primeira metade do século V	111
CATARINA FELÍCIO - FILIPE SOUSA - Dois amuletos em osso de <i>Mirobriga</i> - evidências do culto de Magna Mater?	133
TÂNIA MANUEL CASIMIRO - SARAH NEWSTEAD - 400 years of water consumption: early modern pottery cups in Portugal	145
JOAQUINA SOARES - LÍDIA FERNANDES - CARLOS TAVARES DA SILVA - TERESA RITA PEREIRA - SUSANA DUARTE - ANTÓNIA COELHO-SOARES - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua Vasco Soveral 8-12	155
RECENSÕES BIBLIOGRÁFICAS (textos de António F. Carvalho, Victor S. Gonçalves, Francisco B. Gomes, Carlos Pereira, Jesús Acero Pérez e Carmen R. Cañas)	185
IN MEMORIAM - PEDRO MIGUEL CORREIA MARQUES (1979-2019) (texto de Amílcar Guerra) ..	211

